



Antônio A. Fonseca Jr.

O Mal e a Noite

Contos de fadas e monstros para adultos



O Mal e a Noite

contos de fadas e monstros para adultos

Antônio Augusto Fonseca Júnior

Outros Livros do Autor

A Trilogia das Lanças de Christos:

Entre Anjos e Demônios

Assassino de Almas

Príncipe da Destruição

Busca por Sangue

A Marcha dos Dez Mil: Sangue e Glória

Templários: a Batalha de Hattin

Profecias da Noite:

Benção do Inimigo

Chapeuzinho Vermelho

Rita olhava entediada para a tela do computador. Digitava algumas palavras em um bate papo com uma amiga, porém sem se preocupar com nada. Continuaría naquele tédio, jogando conversa fora pelo restante da noite, sem se importar se estava perdendo tempo, como a mãe alardeava insistente. O fato era que ela não queria pegar nada do material da faculdade para estudar e também não queria sair. “Sem chance”, pensou quando a chamaram. Depois do fora que levava do namorado, perdera a vontade de ir para a balada, principalmente porque sabia que encontraria com ele.

Cidade do interior era assim. Bastava sair para o único lugar badalado da cidade para reencontrar todo mundo. E a última coisa que ela queria era encontrar aquele traste de novo. Por isso estava aproveitando que havia algumas amigas em situação parecida também conectadas e aí a conversa vinha e ia, sem falar nada demais a não ser criticar os homens e o mundo. Sim, ela continuaria a noite toda assim, aproveitando para pegar um sorvete na geladeira para afogar as mágoas com algumas calorias.

- Rita... – chamou a mãe. Dava para saber que ela estava na porta do quarto. Pelo tom, pediria alguma coisa que a garota não gostaria de fazer.

- O quê? – perguntou ela, sem desviar-se da tela.

- Preciso que você vá até a casa da sua avó para mim.

“Saco... ver aquela velha de novo?”, pensou ela.

- Tô ocupada, mãe.

- Se você não se levantar agora, vou dar um jeito de esse computador não te ocupar a vida mais – disse a mãe, em um tom calmo.

Rita bufou e começou as despedidas, fechando as janelas uma por uma. Na casa dela era assim. A mãe mandava e ela fazia. Longe de ser como na casa das amigas, em que elas discutiam, gritava, xingavam e faziam o que queriam. Personalidade como a da mãe era única. Trazia Rita, como se dizia, na rédea curta. Por mais que odiasse isso, era por causa dessa educação que ela conseguia boas notas, nunca se perdera em encrencas como gravidez fora da hora, namorados que queriam apenas sexo ou coisas assim. Lógico que ela pensava pouco nesse lado da questão. Tinha era raiva de como a mãe coordenava tudo naquela casa. Se o pai fosse vivo, talvez as coisas fossem mais leves.

Colocou uma música no som. Sempre se arrumava ouvindo U2. Pegou logo as botas, a calça jeans preta e a jaqueta vermelha com capuz. Adorava aquela jaqueta, mesmo que às vezes achasse o capuz um pouco cafona. Foi até a cozinha para encontrar a mãe terminando de preparar uma mochila para que ela levasse para a avó.

- Estou colocando a insulina dela aqui... também estou colocando umas frutas e até alguns produtos para diabéticos que eu comprei na capital. Se você sair depressa agora, ainda pega o ônibus.

- Por que não posso ir de carro?

- Vou precisar dele, filha. Vou sair um pouco com minhas amigas.

Rita quase bufou de raiva. Que maldição! Então enquanto ela era obrigada a ir à casa da velha, a mãe sairia com as amigas para se divertir? Fez cara feia, pegou a cesta e saiu devagar, sem se preocupar.

- Vai devagar então, porque aí é bom que você perde o ônibus e vai ter que esperar outro que demora mais.

Fingiu que não ouviu e saiu de casa com passos lentos. Foi só chegar à esquina e viu o ônibus se aproximando do ponto. “Droga!”, gritou, enquanto corria. Chegou ofegante ao ponto, porém foi inútil. O ônibus já partira. Só ficou um homem no ponto. Olhou para ele com raiva, para perguntar porque o idiota não pedira para o ônibus esperá-la, porém ele sorriu de uma maneira tão simpática para ela que suas pernas tremeram. Tinha olhos brilhantes, ainda mais brilhantes do que os dos rapazes mais sedutores que ela encontrava durante a noite. Tinha um rosto de quem sabia caçar e encontrar as presas que queria, mulheres a quem deixaria apaixonadas.

Ficou parada ao lado dele, pensando se deveria esperar pelo outro ônibus. Seria pelo menos mais uma hora de espera e a noite ia passar devagar durante esse tempo.

- Vai para qual bairro? – perguntou o homem. A voz dele também era bonita. Tinha um tom grave, porém misturado com alguma coisa mais leve, uma nota que era quase um chamado, um

assobio. Causava arrepios que quase faziam Rita sentir-se molhada entre as pernas. Ela simplesmente adorava homens que faziam-na sentir-se assim, desejada de um modo sutil apenas porque havia correntes que prendiam um lobo em suas almas.

- Bairro Veraneio.

Ele fez uma cara de decepção.

- Vai demorar mais uma hora para esse ônibus passar. Melhor que seu namorado esteja pronto para te esperar.

- Não está – respondeu ela, já sabendo que aquela pergunta era só para saber se ela tinha namorado. Agora a próxima frase seria:

- Uma mulher bonita assim sem namorado? – disse ele. Ela sorriu. As palavras eram previsíveis, mas não aquele tom másculo ou aqueles olhos de desejo que a cobiçavam. Ele lambeu os lábios de leve e se aproximou.

- Faça o seguinte. Pega o 4532 que vai passar agora. Assim você chega em casa mais rápido – disse ele. Rita percebeu que o estranho estava cheirando seu perfume. Ele inspirou de leve e mostrou uma expressão de quem gostou.

- Não estou indo para casa. Estou indo para a casa da minha avó... para entregar algumas coisas.

Ele sorriu e ela teve vontade de falar mais. Ele simplesmente atraía a conversa. Era como um ímã.

- Levando alguns quitutes para a avó? Que neta boazinha você é. – Deu outro daqueles sorrisos.

- Quitutes não. Só algumas injeções de insulina para ela. E não sou uma neta tão boazinha assim...

- Pode não ser boazinha, mas é linda. Qualquer avó gostaria de receber uma visita de uma neta linda assim.

Ela riu de volta. Cantada idiota que a deixava excitada. Ele estava próximo dela. Rita quase podia jurar que ouvia-o falando ao pé de seu ouvido, como se entrasse em seus pensamentos. Então o ônibus veio e ela o pegou, seguindo o conselho dele.

- A gente se vê – ele disse.

Ela desligou o telefone para ir atender a campainha. A filha acabara de ligar para dizer que a neta estaria ali em breve com todos os remédios. Ficou contente de saber que Rita viria. Quase não via a neta, apesar de morarem em uma cidade pequena. Ela preferia não perder tempo com gente velha. Foi abrir a porta, julgando que a neta não perdera o ônibus como fora previsto.

Abriu a porta devagar e ajeitou os óculos para perceber que havia um homem bonito parado em frente à porta. A princípio, ela viu um sorriso e um olhar que despertaram instintos há muito adormecidos em seu corpo senil. Segundos depois, os sentimentos foram mudando para um medo visceral de presa que encontra o predador natural. Era um lobo diante de uma lebre. Uma lebre velha que não conseguia mais correr.

Tentou fechar a porta, mas ele impediu com uma mão. Tentou gritar, mas antes que pudesse abrir a boca, ele a empurrou para o meio da sala. Ela caiu e os ossos frágeis estalaram. O braço perdeu todo o movimento e a bacia foi inutilizada, quebrada pelo menos em quatro partes. Toda a pele na região abdominal tomou um tom roxo por causa do sangue que começava a se acumular. Os ossos partidos rasgavam músculos e um deles rompeu a pele ressecada.

A velha quis gritar, mas o medo prendeu suas cordas vocais com dedos rígidos. O homem continuou se aproximando com olhos brilhantes. Sua forma foi mudando, tornando-se mais animalasca. A pele se rompeu para que um focinho peludo crescesse no rosto. Quando chegou até ela, era apenas um acúmulo de pêlo, garras e fúria. Com um aperto, quebrou mais um braço dela. Então suas garras retiraram o vestido de modelo antigo, que usava desde muitos anos. Deixou-a nua e pousou as garras sobre seu peito. Enfiou-as de leve, deixando o sangue grosso brotar. Por fim, baixou as garras depressa, rasgando-lhe o peito. Enquanto ela ainda estava viva, retirou-lhe a pele com cuidado, respirando sobre ela para inalar a alma que começava a separar-se do corpo.

Tinha a alma. Tinha a pele. Vestiu as duas e em pouco tempo era uma velha de cabelos grisalhos presos em um coque. Pegou uma garrafa e colheu o sangue. E aquilo de tornou vinho. Pegou um prato e nele colocou o coração. E aquilo se tornou carne.

Rita ainda estava excitada. Aquele homem era o que queria. Alguém que a devorasse e a tivesse como mulher. Ela queria ser a presa naquela noite. Era bonita, era mulher. Que se danassem as feministas! Ela gostava de homens fortes que se impusessem, não daqueles idiotas a quem ela dava ordens o tempo todo.

A única coisa errada era que o homem indicara um ônibus que dava voltas demais. Ela não ia direto até o bairro da avó. Fazia uma parada no ponto final e ela tinha que trocar de ônibus para depois continuar até seu destino. Não se importou, pois aquela conversa e aqueles olhares haviam excitado sua imaginação. Seria bom dar uns beijos naquela noite. Talvez até um pouco de sexo. Quem sabe?

Desceu do ônibus para caminhar até a casa da avó. Colocou o capuz vermelho para proteger a cabeça. A noite estava fria e o céu estrelado. Ainda não notara a lua cheia. Estava linda, boa para uma ótima noite de sexo. Começou a subir as ruas depressa. Tudo naquele bairro era velho. A avó morava ali desde que se casara há 50 anos. Era todas casas pequenas, com muros baixos, pouco típicos daqueles tempos perigosos. Sempre tinham pequenos portões de madeira. Parecia até uma outra cidade, um vilarejo do interior. De fato, era um bairro afastado da cidade. Não era à toa que havia poucos ônibus indo para ali.

A casa da avó era pintada de azul celeste, que era a cor predileta dela. A cor dos olhos do avô de Rita. A velha adorava falar como ele a deixara apaixonada com aquele olhar. Rita até imaginava como aquela história era romântica. Os dois viveram muito bem até o avô falecer no acidente de carro juntamente com o pai de Rita. Agora a mãe precisava trabalhar dia e noite, até nos finais de semana, para sustentar a si mesma, Rita e a avó, com tantos medicamentos caros para cuidar da saúde.

Abriu o portão e passou pelo jardim. Bateu a campainha e ouviu alguém dizendo que entrasse. A voz da avó estava um pouco rouca. Deixou um pouco de lado o pensamento de aproveitar a noite para se preocupar com ela. Entrou depressa e ouviu-a falando mais uma vez.

- Rita... É você, minha filha? Estou um pouco cansada. Deixei um pouco de vinho e carne para você. Espero que você goste, minha filha...

A avó sempre tinha boa vontade com ela. Era tanta boa vontade que deixava Rita irritada. Foi até o quarto e a viu deitada. Ela sorriu de volta e falou para a neta ir comer um pouco. Havia preparado tudo justamente para ela. Rita comeu com gosto. A comida estava ótima. Tomou o vinho fartamente, sentindo um gosto que a tocava na alma. Era mais viscoso, no entanto o líquido se dispersava em seu corpo e a aquecia de um modo que podia ouvir mundo chamá-la e a alma alcançar um estado de excitação que apenas aumentava mais e mais a vontade de ter um homem na cama.

Acabou de comer e foi até a avó ainda com um copo de vinho na mão. Puxou uma cadeira da escrivaninha e sentou-se perto dela. Segurava o copo rodando-o nas mãos e olhava para a avó. A velha a olhava de volta candidamente, porém com mais força para a vida do que tivera nos anos anteriores, quando a morte do marido quase acabara com a saúde dela.

- O que você tem, vó?

- Nada demais. Gostou da comida?

- Muito.

- O vinho está bom?

- Ótimo!

- Que bom.

A velha estendeu a mão e tocou-a. As duas estavam segurando copo juntas.

- Você me ama, minha neta?

- Amo, vó.

- Então jure aqui que sempre ficará comigo. Jure...

Rita olhou-a desconfiada, porém ficou com pena da avó.

- Eu juro, vó.

- Então bebe do vinho para selar essa jura, minha filha.

Então ela bebeu. Agora o vinho estava mais espesso. Agora o vinho tinha um gosto metálico. Agora o vinho passava grudento em sua garganta.

Baixou o copo tonta e olhou para a vó. Não tinha mais o sorriso cândido. O olhar que se fixava em Rita era o de uma fera. Eram olhos grandes que a cobiçavam. A boca apresentava dentes grandes... caninos molhados por saliva de uma besta. Então a pele da velha se rasgou e uma fera saltou sobre Rita. A garota pulou para trás. Correu até a sala e tropeçou em algo. Havia restos de um corpo no chão. Caída, Rita olhou em volta e notou toda a casa suja de sangue. Havia pegadas suas, pois pisara no sangue enquanto andava. Gritou assustada, pois agora estava diante de uma realidade que queria negar. A ilusão se partira e a fera se

aproximava.

- Você virá comigo – disse a besta, aproximando-se. Agachou-se e fez as garras percorrerem as pernas dela, rasgando a calça jeans. Chegou até a virilha e acariciou o que havia entre as pernas dela. Rita chorava, porém mordeu os lábios e sentiu-se molhada por dentro. Havia um calor entre suas pernas que a fez dobrar o pescoço.

- Você é minha e virá comigo. Você jurou pelo sangue de quem ama. Você jurou pela carne de quem ama. Experimentou carne e sangue e agora sempre vai querer mais. Então virá comigo para ser minha escrava e aprendiz.

Ela queria dizer que não, mas o calor que tomava seu corpo exigia que ela se entregasse e aceitasse. Era um prazer visceral que a dominava e pedia para que aquela fera a possuísse. Estava para dizer que sim enquanto sentia aquele hálito quente em seu rosto. Então a porta se abriu com um estrondo. Rita estava de olhos fechados e não viu aquele homem de barba entrar correndo. Tinha uma escopeta na mão.

A besta olhou para o homem e virou-se para atacar. Saltou, porém um tiro acertou-lhe o pescoço e a desviou de sua trajetória. Caiu tonta e tentou se levantar, porém o barulho do cartucho sendo deslocado na arma já estava chegando em seus ouvidos e meio segundo depois outra bala abria um buraco em seu corpo, essa destruindo metade do crânio.

O monstro caiu no chão e aos poucos foi se transformando. Tomou a forma da velha mais uma vez. O sangue que estava no chão movimentou-se como tivesse vida e se deslocou até aquele

novo corpo. Os restos verdadeiros da avó de Rita fizeram o mesmo e se fundiram com a carne onde estava depositada a alma da velha.

O homem andou até Rita. Ela despertou do choque e evitou quando uma mão lhe foi estendida.

- O que aconteceu? – gritou ela.

- Pare de gritar. Você foi atacada por uma fada.

- Um lobisomem?

- Não, uma fada... Uma fada-lobo. Um lobo arcadiano. Na verdade, um Árcade de um lugar chamado Abismo.

Ela chorou em choque. O homem agachou em frente a ela e a segurou pelo queixo. Rita continuou chorando. Soluçava compulsivamente sem que o cérebro pudesse aceitar aqueles absurdos.

- Você tomou ou comeu alguma coisa? – perguntou o homem.

Ela não respondeu, apenas continuou chorando e soluçando. O homem acertou-lhe um tapa para chamá-la de volta. Rita olhou-o com olhos arregalados.

- Você tomou ou comeu alguma coisa? – perguntou novamente.

Ela balançou a cabeça respondendo que sim. Ele balançou a cabeça lamentando. Apontou a escopeta para o rosto dela. Puxou-a pela jaqueta vermelha, quase pegando uma parte do capuz.

- É uma pena.

Rapunzel

Ele era um homem cansado. Passava horas trabalhando para conservar a fazenda que herdara do pai. Conseguira algum sucesso, pois o terreno maltratado que estivera nas mãos do homem que mal o criou agora tinha plantações e até alguns animais. Gostava do pai, mas tinha que dizer que não se orgulhava dele. Não fora uma figura a quem pudesse admirar ou seguir como exemplo. Não pretendia ser assim para seus filhos.

Sua esposa estava grávida e a criança deveria nascer em pouco tempo. Não havia tido tempo de fazer nada que os médicos da cidade aconselhavam. Tudo o que fizeram foi uma série de consultas para saber se estava tudo bem tanto com a criança quanto com a mulher. Felizmente, nenhum problema ocorrera durante a gestação. Podia dizer esse felizmente com muito prazer tanto por torcer pela saudade do bebê e da esposa quanto por agradecer por não ter que gastar com medicamentos ou com mais médicos. O dinheiro estava curto e ele deveria poupar para manter a criança depois de nascida. Seria mais uma boca para alimentar.

No fim daquela tarde, ele voltou a andar suado pela fazenda cumprimentando os poucos empregados que tinha. Os homens guardavam os animais e voltavam para casa com as enxadas nas costas e ele só deseja um banho e ver como a esposa estava. Ah, mas que vontade de revê-la. Era sempre bom estar com ela depois daqueles dias duros.

Deu-lhe um beijo no rosto assim que abriu a porta e depois acariciou a barriga grande. Foi para o banho e na volta já encontrou um café simples, mas carinhoso. Comeram sorrindo e

conversando, falando do futuro do bebê. Sabiam que seria uma menina. Ele estava feliz por ter uma princesa de quem cuidar, mas tinha que reconhecer que ainda queria um homem que pudesse assumir a fazenda e torná-la a melhor e maior da região.

Claro que nos tempos de hoje nem precisava se preocupar tanto com isso. Mulheres também eram ótimas nos negócios. Era só aquele orgulho masculino de passar adiante o que fizera para um filho, um homem que cuidasse de tudo com mãos de ferro.

- Estou com desejos – disse a esposa, interrompendo os pensamentos dele. Ela sabia o que o marido estava pensando e não pretendia discutir novamente a possibilidade de outro bebê e a pressão de que fosse um menino.

- Desejos? – disse ele, com a boca um pouco cheia. Estava mordendo um pão e apenas olhou-a com aquela curiosidade de quem vai se arrepender de ter perguntado.

- Das frutas do pomar da Bruxa – disse a mulher.

Ele olhou para o lado instantaneamente. Viu pela janela a fazenda que fazia divisa com a dele. Era lá que morava a mulher que chamavam de Bruxa. Ela enriquecera rapidamente após a morte do marido. Fora casar com ele, saindo da pobreza, e tornar-se viúva menos de um ano depois. Havia quem dissesse que o homem mal tivera tempo de se deitar com a megera. Ela o recusava e gritava várias vezes que não queria nada com ele. Seja como for, dentro de poucos anos comprou várias fazendas em volta com um dinheiro que ninguém sabia de onde vinha. Era pacto com o diabo, diziam os fazendeiros menores, invejosos e aterrorizados daquela mulher que não parava de enriquecer.

- Queria uma das frutas dela. São tão grandes e bonitas.

- Dá para querer outra coisa não?

- Ah, não, meu bem. Tem que ser uma delas. Por favor. Não vai querer que nossa filha nasça...

- Pode deixar... – disse ele, limpando a boca com um guardanapo como a esposa sempre insistia que fizesse.

Não tinha dinheiro para comprar aquelas frutas e sabia que adquirí-las da Bruxa seria o mesmo que se tornar inimigo de todos os outros fazendeiros. Diziam que ela exportava tudo o que produzia naquele pomar. Apenas itens da melhor qualidade. Passou a noite olhando pela janela enquanto a esposa assistia as novelas na televisão.

Já era tarde quando decidiu sair de casa, pular o muro e andar pelos pomares da Bruxa. Havia aves estranhas nas árvores. Elas pulavam de galho em galho no meio da escuridão. Cantavam músicas fúnebres. No entanto, não tocavam nas frutas. Ele caminhou até encontrar as frutas que queria. Eram maçãs e ameixas perfeitas, tão grandes que nem pareciam desse mundo. Tocou a primeira e puxou-a do galho com força. Um pássaro voou depressa, cacarejando maldições que o fizeram tremer. Pegou o que pôde e correu de volta para casa.

O coração batia em desespero quando ele pulou a cerca e finalmente chegou em casa. Estava pálido de medo e ficou parado na porta para se recompor. Não queria demonstrar aquela covardia. A esposa com certeza comentaria com as outras mulheres e ele seria chacota em poucos dias.

O sorriso da mulher valeu todo o esforço. Ele a viu comendo as frutas, porém não experimentou quando lhe foram oferecidas. Aquelas aves malditas, aquela escuridão, a sensação de ser observado não saíam de sua cabeça. Foi dormir sabendo que os pesadelos o enredariam.

Roubou frutas durante quase uma semana, nunca se acostumando com aquela tensão ou ao medo. Já roubara muita goiaba e manga na infância, mas não sabia que poderia existir um momento em que isso parecesse tão proibido e desesperador. Então aconteceu a grande desgraça. Ocorreu quando já estava saltando a cerca com as frutas nas mãos. Dois pássaros voaram próximos a ele e quase o derrubaram com o susto. Quando ele tocou o chão e ergueu a cabeça, sua boca se abriu em terror. Diante dele estava a Bruxa.

Ela usava um vestido negro, daqueles de mulher séria da sociedade. Tinha os cabelos amarrados em um coque e enfeitava os lábios com um batom vermelho. A luz de um poste que iluminava o quintal gerava uma penumbra que impedia que enxergasse os olhos frios e azuis que davam tanto medo. Havia um gato trançando em volta das pernas dela, junto aos saltos altos.

- Então é você o ladrão? – perguntou a Bruxa.

Ele não respondeu, então ela se adiantou com o rosto contorcido de raiva.

- Responda-me – exigiu, tocando-lhe o pescoço e aproximando as faces. Agora os olhos de gelo estavam expostos e gelaram a alma

dele, porém o perfume dela o deixou excitado. Era linda em seus pouco mais de trinta anos.

Foi com uma força fenomenal que o jogou no chão. Caiu junto com as frutas e um braço arrastou-se pelo arame farpado. Gritou e tentou-se desvencilhar por impulso, apenas rasgando ainda mais músculo e pele. Levantou-se ainda assustado e viu a esposa saindo de casa. Ela corria para saber o que estava acontecendo. Os dois pássaros voaram em volta dela e o gato miou. A Bruxa olhou de volta.

- Esposa? Grávida?

A mulher prenha aproximou-se e abraçou o marido. Os pássaros pousaram na cerca e o gato pediu colo à sua dona. Ela fingiu não ver. Era assim que tratava todos os machos.

- Ladrões – acusou. Aproximou-se do casal e uma aura de medo fez três corações gelarem, dois adultos e um de uma criança que nem sabia o que acontecia. – Vão pagar pelo roubo. Podiam ter cedido tudo o que têm a mim e serem meus, assim comeriam de minhas frutas e serviriam a quem eu sirvo. Vocês negaram e agora me roubam? O que faço com vocês? Amaldiçoó-os?

- Não, por favor – pediu a mulher.

A Bruxa riu e puxou. Tocou-lhe a barriga e se aproximou do ouvido dela. Sussurrou bem baixo:

- Uma menina... Nada melhor que isso. É o que vão pagar por entrar no que é meu.

Era um absurdo que o casal não sabia como rebater. No entanto, o homem, que visitara o pomar maldito, sabia que se condenara. Aquilo era tudo do diabo e livrar-se daquela maldição exigiria um preço.

- Fique com ela! – disse o homem e a mulher chorou de agonia e de raiva sem saber o que fazer. Mesmo com a criança em seu ventre, sentia que não seria mais dona de nada. E se não a entregasse, nem seria dona de sua alma mais.

Um mês depois a Bruxa voltou para pegar seu prêmio. Encontrou apenas fragmentos do que fora um casal. A felicidade se fora e o que havia agora eram dois autômatos parados diante de um berço em que uma linda menina chorava. A Bruxa mal os olhou. Nem eles lhe deram atenção. Sentiram um peso se esvaír do ombro enquanto a mulher maligna saía com o bebê nos braços.

Leila seria criada com luxo e educada para ser uma princesa, porém uma princesa solitária. Cresceu linda e sozinha. De coração meigo, alheio às loucuras do mundo, viu-se presa no meio do pomar maldito, em uma casa onde tinha tudo, menos companhia. Apenas a Bruxa a visitava. A mulher de olhos frios aparecia uma vez por semana e pedia que a garota jogasse seus cabelos. Eram fios dourados que apenas cresciam tanto e com tanta força em um lugar amaldiçoado como aquele, esquecido pelos deuses e anjos dos quais Leila nunca ouvira falar.

A garota já estava perto dos dezoito anos e era o que a Bruxa queria. Não agüentava mais de tensão toda vez que via aquela beleza jovem. Naquele dia, aproximou-se de Leila e segurou-lhe

pelo pescoço. Cheirou sua juventude e passou a língua pelo ouvido branco. Firmou a mão em seus cabelos e a puxou para si.

- Sua juventude é minha. Eu a criei para isso – disse.

Aquela virgem seria dela. Teria corpo e alma renovados para continuar vivendo. Desceu a língua pelo pescoço da garota e passou a mão por sua cintura. Correu levemente os dedos debaixo da blusa até alcançar os seios. Tocou-os com força e tentou forçar um beijo. Leila recusou-lhe.

- Ainda não é a hora – disse a Bruxa. Precisava da data certa, do momento certo para o ritual em que teria o corpo da virgem tanto em um momento carnal quanto espiritual. Assim propagaria sua existência. Não podia negar, no entanto, que aquela dominação sobre a garota a excitava.

Desceu pelas tranças pouco depois, com o corpo quase em chamas por causa da vontade que tinha de ter logo a garota. Chamaria um de seus amantes naquela mesma noite para satisfazê-la.

O rapaz chegou à região em uma caminhonete preta com um som que podia ser ouvido por todas as fazendas pelas quais passava. Tinha cabelos pretos e olhos escuros e um jeito de quem era autoconfiante e bem sucedido em tudo o que fazia. Perdera quase toda a herança para a madrasta, mas graças à mãe, ainda lhe restara muita coisa para poder fazer a vida. Cresceu cuidando do que o pai lhe deixara e tornou-se tão rico que o chamavam de Príncipe dos Negócios. Não era para menos, visto que cuidava de

tantos terrenos e comprara tantas fazendas que parecia mais um senhor feudal.

Apesar da barulheira do rádio, chegou á região sem se apresentar. Colheu informações com os fazendeiros locais para saber o que a madrastra andava fazendo naqueles tempos. Só soube que a Bruxa continuava perversa como sempre. Um casal triste, que só parecia unido pelas rígidas leis religiosas a que se apegavam, lhe contou que ela tinha um pacto com o diabo. O rapaz fingiu ouvir com atenção e fingiu acreditar na história, dando toda atenção àquelas pessoas como fazia com qualquer um, não importando o quanto tinha na conta bancária. Foi com esse respeito que progrediu.

Pensou em como abordaria a Bruxa. Gostou do apelido e não a chamaria de outra coisa. Não depois de ter destruído sua família. Olhando a fazenda dela durante a noite, decidiu que exploraria o local, o terreno que deveria ter sido dele. Pulou a cerca e caminhou até chegar ao pomar. Os pássaros voavam agitados e o rapaz escondeu-se entre as árvores. Foi pelo poder de seu sangue que não foi sentido pelos demônios que farejavam entre as sombras. Eles também estavam excitados demais, acompanhando o humor de sua mestra.

Viu quando a Bruxa passou seguida pelas aves e pelo gato. Seu coração gelou-se, mas não de medo. Foi um ódio frio que quase o fez saltar sobre ela. Preferiu esperar e a acompanhou, vendo que as trevas quase se moviam. Aquilo não o surpreendeu. Sua mãe o ensinara muito sobre aquela mulher. Estava a par das trevas que a acompanhavam.

Ouviu-a chamando pelo nome Leila e se impressionou com os cabelos dourados que brilharam à luz do luar. Viu a Bruxa subir

por eles até alcançar o alto de uma torre. A face que ali apareceu tomou o coração e envolveria os sonhos daquele príncipe.

Esperou a bruxa sair com seu séqüito tenebroso e depois foi embora. Passou dias voltando para ver e ouvir Leila até não resistir e chamar por ela. Chamou imitando a bruxa e subiu pelos cabelos perfumados que há muito já dominavam seus pensamentos.

Leila afastou-se boquiaberta, contendo um grito. O rapaz ainda segurava seus cabelos e agora a olhava com um brilho de paixão que a dominou.

- Acalme-se. Sei que corremos perigo, mas não resisti a sua voz e a sua face... Só queria vê-la uma vez na vida.

- Já viu... Agora vai ou ela chegará e será nosso fim.

Aquele terror no rosto de Leila não o assustou. Havia algo a mais que dominava o rapaz e ele se aproximou. Talvez fosse o local ou a tentação dos demônios que ali moravam. Ele a puxou para si para sentir seu perfume.

- Eu te amei sem te ver. Eu te amei ao te ouvir e ao sonhar com você.

Aquela frase destruiu a barreira do medo e deixou Leila repensar quem era e o que significava aquele estranho. E a pele dele tão próxima, com aquele calor diferente da ira fria da Bruxa a dominou.

No primeiro dia se tocaram.

No segundo dia se beijaram. Foi um beijo que abalou suas vontades.

No terceiro dia quase se uniram em amor, em uma expectativa que Leila desconhecia e o rapaz ansiava como nunca esperava.

No quarto dia os demônios revelaram os encontros para a Bruxa.

Leila chorava enquanto via suas tranças serem cortadas. Nem sabia o que sentir. Esbofeteava, segurava a face avermelhada e sentia as lágrimas pingando.

- É hora de se arrepender – disse a Bruxa, louca por ciúme, doente de raiva. Sua face perdera a beleza e era só uma máscara de gelo e raiva.

Virou-se para a garota e a puxou pelos cabelos desgrehados que lhe restavam. Puxou-a para junto de si e a beijou. Beijou e mordeu-lhe os lábios até que sangrassem. Leila gemeu e lutou para se afastar. Então foi jogada contra a parede.

- Levem-na – a Bruxa ordenou, falando com seus pássaros e demônios.

Então ela sentou-se e esperou. Os demônios acompanharam a chegada do príncipe que Leila agora amava. Não xingou, não praguejou. Não era do feitio daquela mulher fria. Ela apenas esperou. Quando ouviu o chamado com aquela imitação pífia de

sua voz. Jogou as tranças douradas e esperou a chegada do rapaz.

Viu-o aproximar-se da janela e então deixou que começasse a se acomodar. Ele olhou esperando Leila. Já tinha aquela iluminação apaixonada, aumentada pela expectativa. Então tudo se apagou quando o rosto frio da Bruxa surgiu. Ela o segurou por um momento e beijou-lhe, então soltou-o assim como fez com as tranças. Sua risada foi suficiente para empurrar-lhe torre abaixo.

A Bruxa o assistiu caindo na roseira. Sentiu em êxtase a dor de quando os espinhos penetraram na pele dele. Enfiaram-se brutalmente, rasgando pele e carne. Alguns furaram os olhos, vazando-os e acabando com sua visão. Ele se levantou sangrando e perdido. Tateava e não encontrava nada além dos sussurros e insultos dos demônios. Os pássaros o agrediam e o bicavam. Correu, tropeçou e continuou correndo.

Leila ouviu passos enquanto era escoltada pelos demônios. Então, ao olhar para o lado, viu que as criaturas desapareceram. Apenas o gato e os pássaros ficaram. Um barulho de tiro a fez colocar as mãos nos ouvidos e fechar os olhos. Nem viu os pássaros serem abatidos, mas os ouviu em um ultimar grasnar.

O gato chiou e tentou avançar, mas de repente só se ouviram seus gritos agoniados como se outra fera já tivesse o dominado. Quando abriu os olhos, viu apenas sangue espalhado. O corpo do gato estava dilacerado e uma sombra se movia de quatro para perto das árvores. Havia sangue pingando da face do que parecia ser uma garota. Uma corrente estava presa a uma coleira que envolvia seu pescoço. Um homem envolto pela escuridão se mostrou em

parte.

- Seu namorado está em apuros. Venha...

A garota se pôs de pé e andou junto ao caçador. Leila não se moveu. Continuou parada e de repente a outra garota olhou para ela e rosnou como um cão exigindo que fosse seguido. Ela andou com passos lentos e aterrorizados.

O rapaz já estava aterrorizado. Caiu com a boca seca e arrastou-se mais um pouco. Estendeu a mão e a fechou sobre a cerca. O arame farpado enfiou-se na palma e o sangue escorreu. Gritou de dor e se encolheu. Ouviu as imprecações demoníacas durante muito tempo e teve certeza de que estava em um pesadelo. Então tudo se calou. Mãos sedosas que ele reconheceu o colocaram em um colo perfumado. O pesadelo começava a mudar para sonho, pois só poderia ser um milagre encontrar a mulher que amava.

- Passe suas lágrimas nos olhos dele e libere o que sente. Depois vai precisar do sangue de alguém que está chegando – disse alguém de voz grossa. Então o rapaz ouviu o som de uma escopeta sendo armada.

Alguma coisa rosnou e a gargalhada da Bruxa se espalhou pelo ambiente. O rapaz não podia vê-la, porém sentiu Leila apertar-lhe contra o colo e soluçar.

- Quem são vocês? - perguntou a Bruxa com sua voz cortante. Olhou irritada e percebeu que seus demônios não a cercavam. O gato não aparecera, mas ela podia sentir a força dele no sangue

que ainda pingava da boca da garota com coleira. – Quem são...

Um tiro em cheio... A Bruxa voou para trás com o peito aberto. Bateu em uma árvore e a escuridão começou a envolvê-la, mas a garota da coleira correu com a corrente se estendendo, balançando e tilintando. Segurou a mulher dos olhos de gelo e mordeu sua orelha. Ela gritou, provando que ainda estava viva apesar do tiro. O homem puxou a corrente com força, trazendo a garota de volta juntamente com a Bruxa.

A vilã usou sua força sobrenatural e arremessou a garota selvagem. Levantou-se com o sangue escorrendo. Colocou a mão no peito e sentiu o líquido quente brotando aos montes. Começou a invocar as forças das trevas, mas então percebeu um outro calor. O cano fumegante da arma apontava para seu rosto.

- Fada maldita... Criatura das trevas – disse o homem.

Apertou o gatilho e a bala explodiu no olho da mulher. Abriu um buraco que desfez o rosto e abriu o crânio. Quase uma parte da cabeça se foi. A bala saiu levando sangue, ossos e músculos e ainda metade do pescoço. O que restou da Bruxa tombou.

O homem observou o corpo durante alguns segundos, depois tirou pó de ferro frio e jogou sobre o cadáver. Olhou para Leila.

- Misture suas lágrimas ao sangue dela e passe nos olhos dele. Vai melhorar. Faça depressa porque a magia já está se esvaindo.

Puxou a corrente e a garota se aproximou dele, limpando o rosto.

- Até mais, Rapunzel... – disse a garota, antes de se virar.

Assim eles se foram, caçando para sempre.

Alma Triste

Ele se apaixonou. Sabia que era a maior de suas paixões. Quando via aquela garota de pele tão alva, sombreada por cabelos negros, quase se perdia quando seu olhar era atraído pela escuridão dentro de seus olhos azuis. Aqueles olhos tinham pouco brilho, mas eram parecidos com o mar sob a noite. Um azul puro, porém denso, que encobria sentimentos tão variados quanto as sensações que tinha perto dela.

Puxava a mão dela enquanto corriam. Ouvia seus perseguidores a poucos passos. Tinham pisadas firmes. Eram diferentes daqueles pés delicados que não faziam barulho quando tocavam as folhas caídas das árvores que os cercavam. Desviava-se dos troncos tendo apenas a luz da lua cheia, uma lua tão linda e tão prateada que o fazia se lembrar da garota ainda mais apaixonadamente.

Ele estava amando. Amara-a desde a primeira vez e parecia que sempre havia a amado. Olhou para trás e viu as lágrimas descendo do rosto dela. Parecia que seu coração ia parar quando percebia que sua amada sofria. Puxou-a para mais perto e a encobriu. Retirou uma faca que trazia na cintura. Os passos se aproximaram. Chegaram ainda mais perto.

Suas roupas já estavam rasgadas. O rosto se cortou quando um galho raspou em sua bochecha. Não parou. Sua correria só teve fim quando chegaram em frente a um penhasco. Ela chorava enquanto via aquele lugar. Lá embaixo, as ondas batiam contra as pedras. Gritavam com eles. Ele a abraçou.

- Não se preocupe. Vamos dar um jeito – falou, apertando-a e mostrando a faca.

- Eles vão me levar de volta – disse ela.

O garoto limpou as lágrimas dela. Beijou-a na testa, disposto a lutar até o fim para tê-la. Fora difícil demais achá-la. Nunca tivera alguém que amasse tanto. Mesmo tendo tantas amigas na escola, mesmo já conhecendo várias mulheres, foi ela quem o atraiu. Aquele tom ácido em que falava, aquela melancolia havia tomado seu coração e o enchido de vontade de mudá-la, de torná-la feliz e ampará-la como nenhum homem havia feito.

O primeiro dos cães chegou. Era negro e grande como um bezerro. Tinha os olhos púrpuras brilhantes e um pêlo tão eriçado nas costas que parecia um monte de espinhos. Rosnou para o garoto, como se o mandasse se afastar. Moveu-se para tentar cercá-los. Parecia tentar ficar entre eles e o penhasco. Não pretendia deixar que saltassem.

- Vá embora! – gritou o garoto.

O cão rosnou.

- Vá embora! – gritou de novo, mostrando a faca. Estava suando e apertando com força a garota.

O cão rosnou.

Ela se encolheu em seus braços e suas lágrimas molharam a camisa suada dele.

Outro rosnado, agora vindo de outro cão recém-chegado. Esse tinha pêlo vermelho e as mesmas patas grandes e grossas do outro. A saliva escorria continuamente de sua boca e os olhos estavam quase em chamas.

- Saia de perto dela – disse uma voz, saindo do meio das árvores.

A garota se apertou ainda mais nele.

- Saia daqui. Eu já falei para sair.

Ele continuou lá. Sempre estava onde os cães estavam. Os cães e ele eram um em sua missão. Apenas eles e mais ninguém. Mas sua missão era apenas uma e apenas ela ele cumpria. Havia uma rima para ele, como havia para todos e cada um vivia com seu próprio verso e sua própria rima. Se não havia mais ninguém quem rimasse ali, então mais ninguém executaria outra missão.

- Deixe-a – repetiu ele, com uma voz densa, porém encoberta.

Ele parecia vestido em um sobretudo, com abas longas em volta do pescoço. Um chapéu deixava-o com tantas sombras que ocultava sua aparência. Estava descalço. Tinha pés de homem, no entanto eram peludos e com unhas grandes. Suas mãos grandes estavam no bolso.

- Não vou deixá-la.

Tentou se aproximar com a faca. Queria abrir caminho. Os cães rosnaram. Ela não se moveu.

- Venha comigo – disse ele, agora falando com ela.

A garota chorou mais. Soluçou e se apertou ainda mais contra o peito de seu protetor.

- Deixe-a em paz. Ela quer ficar aqui.

- Não pode ficar. Para o seu bem, deixe-a ir.

- Ele vai me levar embora. Eu não quero sofrer de novo lá. Não quero ser prisioneira – choramingou ela.

O desespero da garota era tão grande e vidente que suas lágrimas pareciam veneno que quase paravam o coração daquele que a protegia. Ele começou a chorar também, contaminado pela aura de tristeza que ela exibiu.

Os cães se afastaram. O caçador também se afastou.

- Pare com isso. Venha conosco ou cortarei suas pernas e a levarei do mesmo modo.

O garoto se encheu de ira. Chorou e gritou algo que ninguém entendeu, a não ser outros corações apaixonados. Pena que não havia mais nenhum ali para compreendê-lo.

- Há quem possa fazer as pernas dela crescerem de novo – disse o caçador, ainda que não fosse sua rima se desculpar ou justificar. Sentiu uma pontada no coração, devido à falta de entonação naquele ritmo que não pertencia a sua música.

O caçador deu um passo a frente. O garoto recuou com ela.

- Não deixe que ele me leve – ela chorou.

Foi mais uma facada no peito do garoto. Ele recuou ainda mais.

- Não quero sofrer tanto. Prefiro morrer a sofrer! – ela gritou, soltando-se dele e indo para a borda do penhasco.

O cão negro saltou sobre ela e abocanhou sua perna. O garoto pulou sobre ele e enfiou a faca em suas costas. O animal a soltou e recuou. Havia sangue pingando de seus dentes.

Abraçaram-se de novo. Ela chorava ainda mais.

- Você não vai me levar viva! – gritou e o beijou com carinho. Havia lágrimas em seus lábios. – Vou embora para onde ninguém mais pode me pegar. Vou te amar de lá onde estarei. Para aquele lugar eu não volto!

Ela se aproximou do penhasco e ele foi junto. Ainda abraços.

Ele a beijou e olhou para o caçador. Cuspiu nele como um herói diante da decisão final. Era um herói em um conto de fadas.

Apontou a arma como um príncipe. Estufou o peito como um herói diante da decisão final. Era um herói em um conto de fadas.

Vociferou sua ira e cantou sobre sua honra. Seu grito foi ouvido longe como um herói diante da decisão final. Era um herói em um conto de fadas.

Então eles pularam para serem abraçados pelas ondas. Seus corpos cortaram o ar frio e chocaram-se contra as pedras. As ondas saltaram para cima deles, lambendo-os como uma mãe com suas crias feridas.

O caçador olhou para o garoto. Não lamentou, mas teve a visão de um herói em uma tragédia grega.

Os cães farejaram a morte no ar e a arma de um amor perdido. Sentiram o sacrifício inútil de um herói em uma tragédia grega.

Um dos corpos se levantou. Ela se aproximou do corpo quebrado e beijou-o na boca, sujando de sangue o rosto alvo. Toda a pele se enegreceu por alguns segundos. Então ela se levantou e chorou. Caminhou pela escuridão chorando. Derramava lágrimas pelo amado que morrera como um herói em uma tragédia grega.

O caçador observou tudo aquilo e desapareceu em névoa, enquanto os cães partiam. “Ela está ficando mais forte”, pensou. Houve uma época em que não podia morrer assim. Tinha que poupar o corpo. Agora já morria de outras maneiras. Outro suicídio. Outra vida. Outra alma. Em breve haveria mais um amor. Outro suicídio. Outra vida. Outra alma. Outro conto de fadas triste para ser contado, conto de fadas que alimentaria a lenda dela.

Mais lenda, mais forte, mais terrível, mais maligna. A rima dela era morrer por uma vida sem lucidez em que o coração se perdia na embriaguez de sentimentos sem pausa em um mundo em que nem toda tragédia tem causa, a não ser para a alma perdida após uma vida aflita.

Traduções

Ele fugira durante anos. A família, sem entender, apenas o seguira. Latifa, sua mulher, sempre o apoiara, cuidando da educação das crianças por tanto tempo e ajudando a manter a sanidade do marido. A esposa e o casal de filhos raramente perguntavam o motivo de se mudarem tanto. O rosto severo, por vezes assustado, de Hassen faziam-nos entender que era preciso mudar de cidade, estado, país. Se um dia ele olhava pela janela e via um estranho do outro lado, a filha, Hadya, já avisava a mãe. Preparavam as malas, sem se preocupar com os móveis e alugados. Por sorte, em uma época moderna, raramente precisam carregar muita coisa além dos tomos antigos que Hassen usava em suas traduções, aqueles livros que tanto lutara para conseguir e agora tanto odiava. Eram sua paixão e prisão.

Hassen e a família fugiram até o aniversário de vinte e dois anos de Akeem, seu filho mais velho. Sentados na mesa, apenas os quatro, o tradutor viu a solidão nos rostos dele. Ninguém além da irmã de Hassen ligara para dar parabéns ao garoto. Tudo o que recebera fora os abraços típicos de uma família que nunca desistira, nunca perguntara, apenas seguira. Foi então que Hassen decidiu que não mais importaria o sofrimento sobre. Chorando, abraçou cada um e ligou para a irmã.

- Vou queimar os livros, minha irmã – ele disse, sem falar o nome dela, sem revelar identidades que comprometeriam aquele telefonema.

- Tem certeza?

- Tenho. Minha família não pode mais conviver com isso. As traduções estão na minha cabeça. Eu sonho com as palavras e, às vezes, esqueço o nome da minha esposa de manhã, lembrando apenas os nomes dessas criaturas – confessou, falando baixo para a família não ouvir.

- Quase me consumiu também, Hassen. Depois as memórias começam a voltar e as palavras se vão.

- As palavras nunca te perseguiram? Os espíritos nunca a cercaram? – perguntou ele.

- Não. Estou casada, Hassen. No início pensei que coisas ruins aconteciam, mas os espíritos não perseguem como pensamos. Talvez nem sejam tão poderosos assim. – havia felicidade na voz dela. Pôde imaginá-la alisando a barriga, orgulhosa do filho que viria.

- E ele? – perguntou, com medo.

- Temek?

Hassen tremeu ao ouvir o nome pelo telefone.

- Ele nunca vai nos encontrar. Fugimos da Terra Santa para que não nos encontrasse mais. Ele não sairá de lá. Vem para cá, Hassen.

Foi assim que ele tomou a decisão. Suando, tomado por pesadelos, com o coração bombeando medo para os braços e pernas, ele finalmente decidiu. Mudou-se para se tornar vizinho

da irmã.

Ela andava pelas ruas da cidade com um ar de cansaço no rosto, no entanto, essa expressão poderia muito bem ser disfarçada por sua felicidade. O cansaço vinha da longa caminhada que estava fazendo pelo centro para comprar as roupas para o bebê. Com aquela barriga enorme, ela tinha que parar e descansar. Sentava-se em um dos bancos em uma praça e esperava as pernas pararem de doer enquanto acariciava a barriga e sorria para a criança em seu ventre. Conversava com o bebê e recuperava todas as forças assim que o sentia chutando.

- Já quer sair, filho? Mamãe tá esperando... – dizia ela, cheia de sorrisos. Pensava no pai da criança com quem teria um futuro feliz. Imaginava Hassen e os sobrinhos nas festas de aniversário do bebê. Agora que eram vizinhos, sem o desespero dos livros, sem o medo das trevas, apenas a felicidade os aguardava.

Então se levantava e continuava a andar. Já tinha algumas sacolas na mão e ainda tinha mais a comprar. Depois de completar o enxoval, decidiu parar para comer um churro. Adorava churros e tinha mais vontade de comê-los depois que engravidara. Pobre do marido que tinha que sair durante as madrugadas frias só para comprar churros com doce de leite. E ele ia todas às vezes, sem reclamar, só garantindo um beijo na boca dela e outro na barriga antes de ir. Voltava com cara de sono, mas feliz. Esperava ela acabar de comer o churro antes de ir dormir.

Eram um casal feliz e dificilmente alguém diria o contrário. Tinham seus momentos difíceis, porém superavam tudo. E a vinda

do filho estava para melhorar as coisas ainda mais. Voltou para casa com as compras feitas e resolveu parar na pracinha do bairro. Adorava o lugar com suas árvores, o parquinho com o chão só de areia. Era coberto por grama, mas ficou gasto de tantas crianças brincarem ali.

- Vamos parar um pouco para mamãe descansar, meu filho?

Sentou-se no banco e ficou a observar algumas crianças brincando com os pombos. Adorava vê-los, pois lembrava-se pouco da infância desde que tocara nos livros e, por pura curiosidade de estudiosa, traduzira as primeiras palavras daquela língua maldita que fazia sangrar os ouvidos de anjos ao ser pronunciada. Não vira nem os sobrinhos crescerem com aquela felicidade pacífica que as crianças mereciam.

- Olha, filho. Daqui um tempo você vai estar fazendo isso e a mamãe vai estar junto. Papai também...

Nem viu quando a velha sentou do seu lado. Maldita. Infelizmente, nem tudo eram flores no bairro. Aquela maldita era a ex-sogra do marido. Ele deixara a antiga namorada em um fim conturbado. Depois disso, namorou e casou-se com a futura mãe de seu filho. Mas a velha e a filha maldita continuaram atormentando. Desistiram há poucos anos, quando perceberam que nada adiantaria.

No entanto, ela não gostava de passar diante da casa da velha. Tinha uma aura ruim. Apesar de não ser religiosa ou supersticiosa, evitava o local. Sabia que a mulher era quase uma bruxa. Vivia fazendo ervas para resolver certos problemas femininos... filhos indesejados, mais precisamente. Vivia daquilo. "Que nojo",

pensou, segurando a barriga e sentindo um calafrio ao pensar na época em que imaginava que os espíritos estariam junto daquela criatura.

A velha tentou tocá-la, mas ela se afastou. Sentia-se livre das palavras, das traduções, dos espíritos, só que não tanto a ponto de confiar em criaturas pecaminosas como aquela velha. Que os anjos a tocassem e a levassem para o Inferno, onde era o lugar de destino de todos. Que Iadabaoth a levasse para a prisão... Ialdabaoth.... Há quanto tempo aquele nome maldito não lhe vinha à mente. Demiurgo, mestre da prisão do mundo da carne, eternamente enganando a se mesmo em um mundo que Sophia, eterna sabedoria, criara para manter presa a ira divina.

- Com licença – disse, se levantando. Precisava se afastar da velha. Precisava se afastar daquele nome. Ialdabaoth.

- Queria pedir desculpa moça. Boa sorte com o seu bebê... Olha, pra provar que não guardo mágoa. Pra você ter boa sorte – disse ela, entregando um pequeno colar para ela.

Não queria pear aquilo. Só podia ser sujo, se era vindo das mãos daquela pessoa, mas a velha se levantou e segurou a mão dela. O pingente do colar era uma mulher grávida. Nem o notou direito, porém estava sensível quanto a qualquer coisa de gravidez. Foi embora para casa correndo. Deixaria o carro na rua para o marido buscar.

Acalmou-se apenas quando chegou em casa. Queria brincar com as roupas do filho, porém estava tudo no carro. Trocou de roupa e colocou uma camisola. Insatisfeita, foi para frente da televisão. Nada melhor para desligar a cabeça. Ficou ali parada e a

tarde foi se acabando. Começou a escurecer. Entediada e com sono, pegou o maldito colar e começou a olhá-lo. Jogou-o sobre a mesa e apoiou os pés lá. Acabou dormindo.

Acordou quando sentiu um incômodo na barriga. Quis se levantar, porém não conseguiu. A barriga doeu mais ainda.

- Não! – gritou. As lágrimas de desespero começaram a correr no mesmo instante. Ela sabia o que estava acontecendo! – Não, meu filho! Não me deixa!

Olhou para os lados procurando o marido. Chorava e pedia ajuda. Então se voltou para frente e por sobre a barriga viu algo, algo que estava entre suas pernas. O corpo gelou e a barriga doeu ainda mais. Havia uma pessoa entre suas pernas... Não soube de onde tirou coragem, porém subiu a camisola para entender o que acontecia.

Gritou de horror! Foi um grito de loucura. O sangue escorria de suas pernas, passando pelo sofá e caindo no chão. Ajoelhada, parecendo um cachorro, uma mulher coberta por névoa lambia o sangue. Lambia cada centímetro, passando a língua no chão, no sofá, subindo pelas coxas até chegar entre as pernas.

Pedi para estar sonhando, porém o nome Mitzenli era sussurrado em sua mente e ela sabia que tudo era verdade. Era um demônio e não era. Era algo feito do mal... Uma parte de um mal maior... era serva da prisão de carne, devorando novos prisioneiros, tomando suas almas antes que fossem cegados pelo mundo material.

- Me acorda!!! Meu filho! – gritou.

E a criatura continuava lambendo o sangue. Começou a lamber no sofá e a se aproximar da virilha dela. E então a dor da barriga aumentou. Era como se a barriga fosse pressionada de todos os lados. Ela tentou segurar tudo, mas não adiantava. Pôde sentir quando a cabeça do filho começou a sair dentre as pernas. Podia jurar que ouvia seu choro. Mas não havia nada além da mudez da morte. Ela chorou e gritou, segurando a barriga e tentando fechar as pernas, mas a criatura segurou-a pelos joelhos com facilidade. Manteve as pernas abertas enquanto filho saía coberto por sangue e placenta. E ela gritava.

Quando o feto caiu sobre o tapete, a criatura a soltou, porém ela não tinha mais forças nem para fechar as pernas. Apenas chorava. Pensou que ia desmaiar ali, porém o horror a manteve desperta, quando viu o demônio se abaixar de novo, agora para dar a primeira mordida na carne do minúsculo cadáver. E assim ela assistiu ao filho sendo devorado pedaço por pedaço por um avatar de Mitzenli. Vomitou e soltou tudo o que comera sobre si mesma para depois desmaiar.

Hassen ouviu os gritos quando chegava do trabalho. Desesperado, correu até a casa da irmã, arrombando a porta com força. A cena quase o fez vomitar. A irmã caíra na poça de sangue e sobre ela estava a criatura deformada. Era mulher, era monstro, com aqueles olhos mortos e desesperados o olhando sem reação. Estava faminta demais devorando o feto, sentindo o sangue escorrer pelos dedos e o coração terminar de bater.

- Demônio! – gritou, sabendo que aquilo, para alguns, já fora deus, já fora anjo, que agora estava ali, sem fiéis que não fossem pessoas de coração negro para lhe entregarem novas almas, novos corpos.

Hassen precisava se concentrar. Havia pouco o que fazer naquele momento de desgraça. Vendo a irmã caída, deixou de pensar em si mesmo para tentar protegê-la. Rasgou a camisa, deixando a mostra o peito coberto de cicatrizes e tatuagens. Mitzenli parou em prontidão para saltar como um gato acuado que pretende destruir quem o inferniza. Hassen avançou, sabendo que se nada adiantaria aquela postura. Ele estava protegido. As tatuagens em seu corpo eram a língua dos mais terríveis anjos, criaturas que nenhum humano gostaria de ver, em que nenhum religioso em sã consciência acreditaria. Hassen os odiava, mas adorava ainda mais saber que esses anjos odiavam Mitzenli e criaturas como ela.

A criatura se afastou. Hassen parou ao lado do corpo da irmã, tentando lembrar o nome dela. Agora, as palavras antigas naquelas línguas deturpadas de seres de outros mundos, tomavam sua mente. Demorara tanto para relembrar coisas básicas como o nome da irmã e agora estava prestes a perder tudo. Quase em lágrimas, passou a mão no sangue, sentindo o língua já frio e semicoagulado. Usou-o para escrever no chão e no corpo daquela mulher que crescera com ele e que agora não tinha nome.

Julgando-o distraído, o demônio tentou escapar saltando sobre ele. Hassen levantou-se depressa, segurando a criatura fétida pelo pé e aproveitando a própria força do salto para fazê-la se chocar no chão, lambendo o sangue e deparando-se com a escrita angelical. O que aconteceu nos momentos seguintes fugiu da mente humana já tão fragilizada. Quando acordou, tudo o que sentiu foi um cheiro de rosas, aquele perfume delicado e acalentador que o acalmou a despeito da cena apavorante em volta. Havia sangue espalhado por toda a casa, marcas de queimadura nos móveis e órgãos pendurados nos lustres, mas o coração da mulher junto de Hassen ainda batia. Ela estava viva! Queria agradecer a alguma coisa,

algum ser de outro mundo, mas para um homem como ele, era difícil crer que qualquer coisa boa poderia existir.

A porta da casa se abriu. Era noite e a luz da lua mostrou um homem de manto entrando na sala. Hassen tremeu e chorou. Caiu de joelhos pedindo por uma piedade que o coração daquele homem esquecera há muitos anos.

Jogaram-no na sala como um saco de batatas. Ele caiu e soou como tal, esparramando-se no chão e não se incomodando em se levantar. Levaria um chute ou um soco, como aconteceria das últimas vezes em que tentaria reagir. Não bateriam muito nele, nem machucariam suas mãos ou sua cabeça, pois ali estava o que ansiavam. Apenas o fariam sofrer até que ele fizesse o que fosse necessário. E sofreria. Era certo que sofreria, tão certo quanto sua pele se cortara com a faca quente que colocaram sutilmente entre os dedos do seu pé ou as pequenas bolotas de aço aquecido que jogavam sob sua língua.

Cuspiu um pouco de sangue e esperou para se levantar. Alguém havia dito que aquele seria o último dia em que recusaria um pedido deles. Hassen rira daquelas ordens seguidas de tortura, isso antes que começasse a gritar e, depois, quando parava de gemer de dor. Ergueu-se com dificuldade e pôde jurar que ouvira a Hadya o chamando. Não deu atenção no início, mas quando ouviu a voz da mulher, Latifa, e de Akeem, olhou para frente assustado. As lágrimas desceram imediatamente do rosto. Os três estavam presos a uma das paredes de pedra da sala. As correntes os mantinham de pé, incapazes de se abaixarem para descansar.

Ele sentou-se perdido, exausto e derrotado. A família... Amaldiçoou o dia em que tornara-se mago. Amaldiçoou a própria sabedoria. Se não fosse seu conhecimento, não estaria preso, muito menos sua família. Agora estava perdido. Olhou para as paredes em volta. Eram secas, sem umidade para não estragar o objeto precioso que estava apoiado sobre a mesa. Não havia correntes de ar para não apagar as velas que iluminavam o lugar.

- Não vamos mais torturá-lo. Agora a escolha é sua se vai traduzir o que queremos ou não.

Quem falou foi um dos magos das trevas que estava na porta da cela. Não olhou para trás para encará-lo, apenas comprimiu os olhos e enxugou uma lágrima. Então acompanhou o mago com os olhos calmamente passando por ele e deixando uma sombra extensa. O homem perverso aproximou-se de Akeem e retirou as correntes. Levou-o para fora da sala sob os protestos de Latifa. A mulher perguntou ao marido o que estava acontecendo e pediu ajuda. Chamou por um socorro que nunca viria.

- Ah, meu Deus! Onde a gente está?

Os gritos do filho deles vieram em resposta. Dava para ver que puxara o pai, pois gritava do mesmo modo e com o mesmo tom durante as mesmas torturas. Os torturadores se entediaram rapidamente, percebendo que não havia novidade naquela vítima.

- Onde Deus não enxerga – respondeu o Hassen, indo para a mesa e puxando a cadeira.

Não olhou para a esposa nem atendeu seus chamados curvando-se de vergonha ao analisar o material sobre a mesa.

Pegou a pena no tinteiro e passou os dedos sobre a estranha escrita do enorme livro. Dava para ver que fora escrito em pele humana e encapado com a mais fina pele dos lábios. Tentou se concentrar para ligar as letras, os símbolos e colocar as primeiras palavras; precisou de quinze minutos para entender os primeiros sinais. Não se surpreendeu quando a frase começou com “sob as trevas nasci...”

A filha começou a chorar e ele baixou a cabeça tentando conter as lágrimas. Não se virou nem quando a esposa o chamou e pediu explicações. Ao fim do dia, exausto, não conseguia mais se concentrar. Levantou-se para ir até a esposa e a filha. Ambas perguntaram sobre filho e o jovem respondeu em gritos de agonia. O tradutor se afastou chorando. Os captores apareceram e montaram uma cama para ele. Imaginou que não fosse usá-la para dormir, no entanto os gritos do filho não pararam enquanto ele não se deitou e fechou os olhos. Foi impossível dormir sabendo a situação em que a filha e a esposa estavam. Queria acudi-las, ao menos falar uma palavra de apoio, no entanto sabia que bastaria abrir os lábios para que o filho também o fizesse, mas em forma de brados aterrorizados e dolorosos.

Sentiu-se culpado quando abriu os olhos de novo. Dormira e nem percebera. Tentou desculpar-se dizendo que passara noites em claro, sendo torturado e sofrendo, sem nunca perder a consciência, no entanto a culpa incidiu sobre sua mente como as agulhas que os captores enfiavam em sua virilha. Comeu diante da esposa e da filha, pois se não enfiasse algo na boca, alguém sofreria por isso. Elas o olharam com um brilho de medo e fome. Deveriam estar presas há dias sem comer, talvez apenas bebendo água.

Sentou-se e começou a traduzir de novo. Estava bastante adiantado naquela linha. Partia para a próxima palavra quando

ouviu a filha chorando. Pediu a ela que não chorasse, porque “papai acabaria aquilo logo e eles iriam embora”. A menina chorou mais ainda e a mãe a puxou para si. Ele continuou a escrever “sob as trevas nasci, cresci e morrei como quem diz a si mesmo que tua alma é nada mais...”

No terceiro dia, não suportou o olhar de fome da esposa e da filha. Pediu que os magos das trevas lhes dessem comida ou não continuaria. Os gritos do filho responderam. Ele fingiu que não ouviu e os gritos continuaram. Chorou até que o silêncio imperou. Olhou assustado para a esposa que tinha tanto medo no rosto quanto ele. Então a porta se abriu e o corpo machucado foi jogado. A mulher gritou e a menina também. Ele abraçou o filho murmurando palavras que não eram seu nome, mas meras obscenidades em uma língua perdia que cada vez mais tomava conta de sua mente. Sentiu a pele do filho já esfriando em seus braços e assim o manteve, até alguém ameaçar entrar para pegar a filha.

O trabalho continuou com o jovem apodrecendo diante de Hassen e da família. Não podia movê-lo. Contrariar aquelas pessoas seria pior. A morte do filho fora apenas um aviso. Ele não morreria por acidente durante a tortura. Se a filha ou a esposa fossem levadas, durariam uma eternidade em sofrimento. Aqueles homens sabiam recriar o Inferno. Lidavam com um lugar e com deuses piores do que demônios.

Terminou a tradução do dia com “sob as trevas nasci, cresci e morrei como quem diz a si mesmo que tua alma é nada mais do que podridão insana de uma realidade em que te esqueceram e...”. deitou-se sem derramar uma lágrima e pensando nas palavras. Estava começando a pegar o ritmo do texto. Avançara mais naquele dia e sabia que em breve conseguiria mais.

No dia seguinte, tentava adiantar a tradução quando a filha voltou a chorar. Pediu para que parasse, pois não conseguia se concentrar. Ela continuou. Então gritou até que a menina também gritasse e tentasse abraçar a mãe. A mulher o xingou e ele voltou consternado para a cadeira, onde continuou a tradução.

“sob as trevas nasci, cresci e morrei como quem diz a si mesmo que tua alma é nada mais do que podridão insana de uma realidade em que te esqueceram e em que deixaram apenas restos de um alimento podre e sujo para que teus pensamentos se mantivessem deliciados com o fel. Tua vida agora é chafurdar até encontrar...”

Os dias se passaram com suas lágrimas secando e a esposa e a filha se silenciado enquanto se enfraqueciam. Ele tentava apressar a tradução e acabou se perdendo nas palavras. Não podia mais parar. Não podia. Não se reconhecia mais... Não se via mais... tudo o que existia era o livro. Quando a mulher e a menina não eram mais do que pele ressequida grudada em ossos e o cheiro nauseante da morte tomava a cela, ele finalmente terminou uma página. E sua mente não mais existia. Não conseguia mais continuar como os magos queriam, porém os segredos estavam lá dentro. Ele só pensava em ler e não mais escrevia. Apenas lia o livro obsceno.

Temek entrou na cela sem se preocupar com o homem que estava preso ali há dias. Tudo o que o prisioneiro tinha eram um giz, um cinzel e uma adaga. Os instrumentos poderiam ser usados contra Temek, porém o mago não temia qualquer atitude daquela criatura decadente encostada no fundo da cela. O mago das trevas coçou o queixo e olhou para o local. Os ossos da mulher e da menina não estavam mais presos às correntes, nem mesmo o corpo

do rapaz jogado no chão como antes. Tudo o que havia neles foi usado para escrever e anotar. Cada osso, cada fragmento de pele tinha anotações feitas delicadamente com a fina adaga.

O mago das trevas não precisou se abaixar para pegar o crânio do rapaz. Com um movimento, o osso polido e preparado voou para suas mãos. Estava coberto por escrita cuneiforme, feita delicadamente, como se um mapa do tesouro fosse anotado. Observou as letras e tentou entendê-las. Algumas eram passíveis de leitura, porém a maioria ainda estava no alfabeto quase ininteligível deixado pelos deuses obscuros.

Sem largar o crânio, o mago das trevas andou pela sala. Todas as pedras estavam esculpidas. Não havia espaço nelas para nem uma letra que fosse. Parou para ler uma frase:

“Vivi em contemplação da mais fina flor da destruição, perdendo-me no abraço das muitas vidas e almas que se entregaram a minha divindade. Banhei-me na essência do sagrado para queimar minha própria carne e renascer como a face obscura de uma vida que implorava ao universo para ser destruída. Rasguei minha pele e sangrei sobre meus súditos, deixando que se afogassem com a vermelhidão profana que escorria de mim”, diziam as frases escritas nas pedras.

Havia muitas outras, em várias línguas. Hieróglifos, runas, alemão, latim, grego, aramaico e árabe se misturavam às letras profanas que Temek queria ver traduzidas. Pena que elas sempre enlouquecessem os tradutores.

Andou até o prisioneiro. O homem não o notara. Nunca mais o notaria. Sua existência era apenas continuar a escrita profana que

começara a traduzir. Pena que esse houvesse durado apenas uma página. Temek sabia que precisaria de mentes mais fortes. O prisioneiro continuava suas anotações. Agora que não havia mais pedras, ossos ou pele para continuar, usava a adaga para escrever no próprio corpo. Com pouco espaço, inscrevia no braço algumas runas, acabando com o único fragmento de pele que conseguia alcançar e que não escrevera.

“Minhas trevas” ele escreveu. Precisava terminar a frase. Então viu Temek. O mago acabara de segurar seu braço para ler algo. O homem moveu a adaga. O mago olhou-o interessado e o viu começando a escrever na pele pálida que raramente via a luz do sol. Temek viu seu sangue brotar e deixou o prisioneiro continuar. A dor não o incomodou. Estava acostumado com pior. Fez o tradutor parar somente quando o viu passando para o outro braço e começando a escrever uma frase repetida.

“Esse já está exaurido”, pensou. Saiu da cela para ir para a próxima e deu ordens para que todas as informações fossem copiadas, que a pele do prisioneiro fosse transformada em um pergaminho e que seu fantasma fosse aprisionado para pesquisa posterior. Apenas mais tarde ele foi limpar o sangue do braço e verificar o que estava escrito. Quando o fez, seu sangue gelou e os olhos de séculos de idade abriram-se atônitos... O cheiro de flores tomou suas narinas e sua pele se arrepiou com o ódio que pairava no ar. Nem bem a luz começou a tomar o ambiente, Temek começou a entender o que era a morte.

Perseguição e assassinato

Ele andava pela calçada quase encolhido. Tinha as mãos no bolso e a cabeça baixa, com os olhos sempre atentos ao que passava pelos cantos de sua vista. Aprendera a enxergar muito bem o que se passava a seu lado. Desviava-se das pessoas como se tivesse medo de tocá-las. De fato, o medo era uma constante em sua vida. Era tão grande, que não tinha as mãos no bolso da jaqueta para se proteger, mas sim para tatear a pistola presa ao coldre. O buraco no bolso fora adaptado para que pudesse sacá-la facilmente. Na outra mão, havia uma faca, também sempre preparada.

Seu olhar desconfiado sempre afastava as pessoas. E por causa dele, elas sempre o observavam de soslaio, com um misto de asco e receio daquele indivíduo estranho. Julgavam-no sem entender o que o homem havia passado. De certo, quando andava confiante e cheio de si, orgulhoso de ser um servo fiel de Kriene'Lavi, eles o temeriam e o respeitariam. Agora que deixara o culto e não orava mais para aquela divindade negra, muito menos usava seu treinamento militar para massacrar os soldados do Templo ou das ordens religiosas, as pessoas queriam vê-lo longe. De que adiantara abandonar toda a sanguinolência para agora ser desprezado pelas pessoas com as quais queria se desculpar?

Às vezes suas mãos tremiam, ansiosas por saltar das roupas e atirar, matar, sentir aquela violência deixar o corpo e apreciar a beleza do sangue escorrer dos corpos, pelo chão e respingando sobre ele. A cabeça doía, chamando por novos momentos como aquele. No entanto, ele tudo evitava e caminhava para encontrar a redenção. Esperava ter tempo para isso. Muito tempo, pois o culto estava atrás dele. Sempre estivera.

Entrou no prédio e subiu as escadas para o apartamento. Não gostava de usar o elevador, temendo alguma surpresa naquele ambiente fechado. Ao menos, se houvesse uma emboscada na escada, poderia se defender e teria mais chance de escapar usando seu instinto. Instinto... fora justamente ele que o levava aquela situação. Retirou as mãos do rosto e coçou-o, pedindo forças a si mesmo para poder suportar.

Abriu a porta de casa para ser recebido pelo único ambiente em que se sentia bem. A esposa o abraçou e a filha logo apareceu para abraçar suas pernas. Acalmou-se no mesmo instante, tendo as forças reabastecidas pelo afeto. O coração só batia exasperado quando imaginava que as duas pudessem sofrer um atentado. Fazia de tudo para impedir aquilo. Passava horas andando disfarçado para que não encontrassem sua casa. Mudava de tempos em tempos ou alugava outros apartamentos apenas para si, tudo para que não encontrassem sua família. No entanto, suspeitava que seus temores estavam para se realizar.

Sonhara com sangue escorrendo e com Kriene'Lavi nas últimas semanas. Aquela criatura feita de lâminas, nascida apenas para fatiar corpos e agredir, surgia como uma sombra em seus sonhos. Enquanto a filha corria para o quarto para pegar a prova com a nota boa na escola e a esposa ia preparar o jantar, ele caminhou até a janela. Abriu levemente a persiana e olhou lá fora. Notou dois homens parados conversando e olhando para o prédio. Estavam ali há dias e ele não suportava mais vê-los. Estavam o ameaçando.

No dia seguinte, após uma noite difícil em que acordara suado por causa de um pesadelo, ele saiu para trabalhar. Ajudava algumas ordens secretas com informações sobre os cultos, quase como um consultor. Claro que eles desconfiavam dele, porém

ajudavam sua família com muito dinheiro e até lhe davam proteção. E foi essa proteção que lhe causou preocupação naquele dia:

- Acho melhor você tomar cuidado – disse o líder da ordem.

- Por quê? – perguntou. Teve vontade de levar a mão à pistola ou à adaga, porém não tinha nenhuma delas. Nunca poderia mostrar que andava com armas ou a ordem o recriminaria. Era como um alcoólatra em recuperação andar com uma garrafa de vodka.

- Dois dos seus guarda-costas foram mortos ontem. Pelo que traçamos, conseguiram despistar o culto de você, porém acho melhor tomar cuidado. Vamos providenciar para que sua família mude-se mais uma vez.

A esposa! A filha! O coração quase explodiu. Batia mais rápido do que um relâmpago. Podia ouvir as próprias batidas. O líder da ordem viu a preocupação nos olhos dele.

- Acalme-se. Já enviamos proteção para elas.

Aquilo não o acalmou. Voltou para casa assustado, lembrando-se de pegar as armas que escondera habilmente, antes que seus guarda-costas percebessem. Conseguira fugir durante sete anos. Sete anos sem matar ninguém, apenas colaborando para salvar sua alma e impedir que os cultos continuassem com suas matanças. Sentia que precisaria voltar a matar para salvar sua família. E bastaria um tiro para que tudo voltasse a ser o que era antes. Não era justo! Não era justo! Estavam forçando o álcool na boca do viciado. Eles sabiam o que estavam fazendo. Mesmo que matasse

membros do culto, aqueles malditos estariam vencendo.

Subiu as escadas decidido a matá-los. Sua alma estaria perdida, mas salvaria sua família. Entrou em casa e a esposa logo percebeu o ar de preocupação. Era hora de mais uma mudança. Ele olhou pela janela enquanto ela enviava a filha para o quarto. Os dois homens estavam lá. E ele podia sentir o cheiro de violência no ar. Haveria morte naquela noite.

Abraçou a esposa com todas as forças. O casal conversou sobre a situação e ela decidiu que realmente era melhor sair dali. Foram dormir sabendo que dificilmente conseguiriam ter um sono digno. Ele quis deixar uma arma debaixo do travesseiro, mas ela impediu. Foi com cuidado que a convenceu a deixar pelo menos a adaga.

- Acha que eles virão? – ela perguntou, quase implorando por uma resposta negativa.

Ele não quis falar dos sonhos em que Kriene'Lavi avisava que estava se aproximando.

- Acho que sim – disse, vendo a dor nos olhos dela.

- Acho que vou pegar...

- Sim... pode pegá-la. – Sabia que ela estava se referindo à filha. Decidiu naquela mesma noite que as mandaria embora e virou-se para descansar um pouco. A esposa acabou voltando sozinha, sem a filha.

Foi tomado pelos mesmos sonhos de violência. Chovia sangue

e ele erguia a cabeça, pedindo por mais. Abria a boca como uma criança se divertindo em beber água da chuva. Ria como um desgraçado que se conformara com sua degradação. Era um viciado com a consciência de seu estado lamentável após anos chafurdando em uma droga que destruía algo ainda mais sagrado que seu corpo, a sua própria alma.

Então viu sua família sendo morta e sua filha gritando horrorizada. Podia ouvir o barulho na porta. Maldição. Foi só então que tomou consciência de que dormira. Alguém acabara de entrar no quarto e ele não percebera. O cansaço o vencera. Rápido como um lince, pegou a adaga e levantou-se para a escuridão. Não precisava enxergar para sentir onde estava o sangue... onde estava o sangue que precisava ser libertado do corpo. Cada pulsar de uma artéria era um clamor do sangue para ser retirado da prisão da carne.

Atacou o inimigo. Cravou a adaga até o punho e empurrou o inimigo. Ao lado dele, a esposa gritava. Levantou-se e a puxou para correr até o quarto da filha. A adrenalina espalhava-se pelo corpo e o cheiro de sangue começava a tomar suas narinas. Ainda bem que deixara a adaga cravada no corpo ou poderia fazer alguma bobagem. Então viu as sombras se movendo e viu que havia mais inimigos. Eles riam...

Sentiu a esposa puxando para trás, tentando voltar para o quarto. Então compreendeu os gritos dela e a mente clareou para as risadas. De fato, havia pessoas em seu apartamento, mas elas estavam saindo junto com as sombras. Uma delas acendeu a luz antes de ir. Julgou que fosse apenas para mostrar os corpos de dois de seus guarda-costas. Não era. Quando olhou para trás, viu o motivo. Ainda segurava a esposa. A mulher estava com o braço esticado, tentando desesperadamente alcançar o corpo no chão.

Ele baixou a cabeça e chorou, pois sua adaga estava cravada no peito da filha. O corpo inerte ainda sangrava. A esposa gritava. E a mente dele... a mente dele se despedaçava. Soltoou a mulher e deixou que ela abraçasse o cadáver da filha.

Do fundo da alma torturada, Kriene'Lavi avisava:

- Eu estou dentro de você... Eu sou você e você sou eu. Eu o espero no Abismo.

Mordeu os lábios até sangrar. Então pegou um castiçal na escrivaninha e virou-se para a esposa...

Porta para Libertação

Robert Enmyer baixou a arma, sentindo-a quente após tantos tiros. Olhou em volta para a grande sala cujas paredes estavam cobertas por imagens demoníacas e escritos em uma mistura de hebraico e cuneiforme que o espantaram. Nunca vira tamanha perversão pintada. Corpos jogados um sobre outros, mortos em cenas sexuais com os vivos e demônios. Versos de poesia indescendente com louvor aos demônios e aos pecados esvaziavam o coração de qualquer esperança na humanidade.

Robert percebeu um dos companheiros caminhado na direção do altar, enquanto os outros contavam as baixas. Passou sobre um dos cadáveres que ele mesmo jogara naquele chão agora coberto de sangue. Foram três balas certeiras, uma para matar, outra para se certificar e a terceira para descarregar a frustração. Cansado, o guerreiro andou até o altar, desviando-se de pelo menos mais três corpos. Do outro lado, seus colegas acuavam três dos sobreviventes. Robert não deu atenção, mas sua mão apertou a pistola mais firmemente. Deveria ter pelo menos mais três balas.

Aproximou-se de James Cand em frente ao altar. Imagens demoníacas e blasfemas estavam espalhadas, algumas na forma de criaturas obscenas que seguravam grandes pratos. Eram três e uma tinha o recipiente cheio de sangue. Era sangue humano.

- Quantas vítimas, Cand? – perguntou o guerreiro.

James olhou-o cansado, porém animado. Apontou para seis pessoas sentadas chorando no canto, depois do altar. Uma companheira estava se aproximando calmamente para avisar que

estavam salvas. A Companhia Luterana da Benção de Christos estava ali. Nenhum dos cultistas os atormentariam mais.

Robert olhou para as vítimas com um sentimento ruim abatendo-se sobre si. Eram duas meninas, dois meninos, um adolescente e dois adultos.

- Salvamos todos? – Robert perguntou. Não havia nem sequer traços de esperança na voz dele.

- Não... – James apontou, levando-o para o outro lado do altar. Havia três corpos cortados. Todos pálidos. Havia sangrado até a morte. Robert se abaixou para verificá-los. Tocou a pele dos cadáveres, sentindo a aspereza e a frieza dos mortos, sem qualquer sinal de resposta humana. Ficou parado, sem dizer uma palavra. Parecia que nem respirava. Ouviu uma das crianças gritar e um dos adultos agradecer pela ajuda.

Allana Vilkins se aproximou deles para o relatório da batalha. James Cand ainda estava de pé, quase como um guarda-costas do amigo. Vilkins esperou autorização, a qual foi dada por aceno de cabeça de Cand.

- Onze cultistas mortos, senhor. Três sobreviventes, provavelmente de baixo escalão. Não devem saber nada.

- Ótimo. Esse foi o terceiro culto de destruirmos esse mês. Graças a Deus, estamos progredindo – disse James, animado. Ele nunca se abatia e se estava triste simplesmente orava para recuperar o humor.

- Baixas? – perguntou Robert, levantando-se.

- Perdemos quatro dos nossos, senhor. Truschner, Benczak, Smith e Mueller.

- Uma pena. Bons soldados. Que Deus os tenha – disse Cand, fazendo uma oração respeitosa.

- Limpem tudo e vamos sair daqui – disse Robert.

- E os sobreviventes, senhor? – insistiu Vilkins.

Robert caminhou até eles. Três balas. Não era coincidência. Três balas. Afastou dois dos companheiros e olhou para os cultistas. Agora havia medo nos olhos deles. Com certeza antes sua expressão era de júbilo e sede de sangue. Robert lembrava-se dos nomes que eles gritavam quando chegara. Dekel Basemath, liberten- nos e nos traga a salvação. Eles autoflagelavam enquanto preparavam a cerimônia.

- Que Deus os perdoe. Que o Diabo os receba – disse Robert, para o susto dos companheiros. Três balas, três tiros, três gritos, três crânios furados.

Ninguém questionou. Quando tudo estava pronto e limpo, eles saíram. Os membros reservas da Companhia ajudaram no processo e levaram as vítimas para um local seguro onde receberiam apoio psicológico antes de serem devolvidas para a sociedade. Robert entrou no carro com James para voltarem para a base.

- Foi ótimo, Robert. Conseguimos salvar seis pessoas! Seis inocentes salvos dessa barbaridade.

O carro tomava a rodovia e seguia livremente. Robert olhava pela janela.

- O terceiro culto apenas esse mês – disse, sem ânimo.

- Isso não é bom?

- Eles se espalham como praga e ainda não encontramos o sacerdote ou o mago que está os iniciando, James. Éramos 21 no início do mês, hoje somos 11, contando com os reservas, James. E ainda não encontramos o sacerdote – disse ele, desanimado.

- Todos eram pessoas dispostas a dar a vida em prol da causa, Robert. Eles sabiam do perigo e preferiam morrer lutando pela luz a permitir que esses cultos se espalhassem.

- E quando todos morrerem? Quem mais está disposto a morrer por isso? Matamos catorze deles hoje. Se somarmos todos que eliminamos no estado, sejam mortos ou presos, temos pelo menos 30. Em um mês...

- Robert... sobre as mortes... eu acho que matar não resolve. Não estamos bem para...

- Eu sei – Robert interrompeu. Estavam ultrapassando um caminhão e o caminhoneiro acenou para ele, cumprimentando gentilmente. – Estou cansado, James. Isso não acaba... Crianças são sacrificadas, virgens violentadas e tudo continua. Nada pára.

- É uma provação... mas estamos passando por ela, meu amigo...

- Eles também morrem por essa causa absurda como nós morremos pela nossa... – continuou, sem notar as palavras do amigo. – Nem quando estive no Iraque vi coisas assim durante os atentados. E lá eles nos viam como vemos esses cultistas... E como os cultistas nos vêem...

- Como a espada vingadora de Deus...

- A espada parece estar cada dia menos afiada. Acho que ele deveria afiá-la...

Robert respirou profundamente e retirou o cinto de segurança. James o observou intrigado até ver o amigo levantar o pino.

- Eu estou cansado. Prefiro ir do meu modo a acabar como minha família, morta durante a noite ou como amigos nossos, loucos em um sanatório.

Então ele abriu a porta e se jogou para fora. James tentou segurá-lo, mas era tarde demais. No carro atrás deles, Vilkins vinha com as vítimas e elas olharam aterrorizadas o corpo de Robert ser atropelado e torcido pelo caminhão. O sangue manchou a estrada e espirrou no carro. Um pedaço de um membro bateu no para-brisa enquanto as pessoas gritavam vendo que o terror ainda não acabara. Não acabava nunca.

Sonhos

Tudo começou enquanto dormia, quando teve as primeiras visões sobre o futuro promissor de sua vida. Primeiro, quando sonhou com os anjos vestidos de negro, acusou-os de demônios. As ofertas deles eram tentadoras. Os desejos deles eram sublimes, mas eram pálidos e com roupas escuras como a sombra do demônio. Mas eles vinham todas as noites para realizarem uma visita blasfema em sua mente, tocando a alma de alguém guia do rebanho do Homem com aquele toque indecente de promessas que faziam sua boca salivar.

Acordava sobressaltado, vendo a esposa preocupada com o suor e já trazendo-lhe a Bíblia para rezar e tirar de dentro de si aquele desespero todo. Ele orava, orava como nunca orou, pois nunca sonhara com demônios. Nunca sonhara com o Homem. Mas dia após dia, percebia que estava em contato com tudo o que lia. Era uma vida nova se abrindo para ele. E, de repente, suas palavras não eram mais sobre o livro e o dinheiro do dízimo. Quando entrava na Mercedes rumo ao culto, queria falar sobre pecado e devassidão.

Os demônios de negro vinham em seus sonhos para falar sobre como o mundo era cada vez mais devasso. Ele precisava avisar. Precisava dizer a todos que aquilo que procuravam não era querido por Deus. Era banido pelo livro.

- É o diabo! É o diabo que quer que pequemos e sejamos lascivos! – gritou nas primeiras semanas, enquanto segurava o microfone empolgado e suave como que diante do sol de Israel.

Depois do primeiro mês, já se preocupava somente com o pecado e a lascívia,. Precisava bani-la. Ignorava os apelos pecaminosos da esposa e somente dormia para ter mais sonhos que o orientassem.

- Eu vi anjos em meus sonhos e eles diziam: Devorem os pecados daqueles que têm seu sangue! – gritava no segundo mês, com olhos estufados, cheios de veias grossas.

Vestido de terno, limpando o suor da testa com um lenço, ele se sentou na cadeira ao lado de um fiel e discursou sobre o peso que carregava, ver o Homem e seus anjos, incitando-lhe a devorar os pecados de quem amava para purificar suas almas era o pior. Ele precisava carregar o sofrimento em nome dos outros, como o Homem havia feito.

Ninguém o incomodava. O dízimo continuava a correr livre e cada vez mais farto. Quanto mais falava sobre a devora dos pecados, mais as notas choviam sobre ele, demonstrando mais do que nunca que os anjos de negro estavam certos. Se antes mentia sobre ter visto o Homem, se antes mentia sobre o pecado, se antes mentia sobre o Diabo, agora falava somente a verdade dos anjos visitantes.

Teve a maior certeza de sua vida quando lhe disseram que precisava finalmente decidir sobre o futuro e a fé. Foi com afinco que fez a escolha, mais afinco do que a que fizera antes, aquela em que escolhera sua vocação para guiar o rebanho, naquele momento em que as notas escorreram em suas mãos e ele percebeu que estava no caminho. Agora as notas não importavam, mas a certeza que pulsava em seu sangue.

Naquela noite, ele teria o milagre, desde que fizesse sua escolha. Quando olhou para a esposa, incitando-o à lascívia, ele olhou francamente em seus olhos e disse:

- Você peca!

Ela riu, debochando dele de um modo que só foi menos agressivo do que as palavras que seguiram:

- Acho que você não é mais homem para isso.

Mas ele era... Ele sabia que era homem para escolher e não escolheria aquele corpo vil. Foi com facilidade que os ossos do pescoço dela se quebraram entre seus dedos e com intensidade que saltou sobre aquele corpo e mordeu, arrancando-lhe pedaços suculentos e cobrindo-se sangue. Ela seria pura e ele carregaria o pecado! Era o corpo e o sangue dela!

Refestelou-se até a consciência avisar do absurdo da cena, mas as lembranças vívidas das visitas dos anjos de negro o fizeram quase se esquecer daquilo. Quando a companhia tocou, ele sabia que aquela seria sua decisão final. Sujo de sangue, levantou-se e andou tremendo até a porta. A verdade estaria atrás dela. Que viesse o mundo lá fora destruí-lo ou a verdade sobre sua fé. Andou, andou... abriu a porta e viu um homem de terno e pasta na mão. Sorria, diferente da face melancólica que tinha na televisão pouco tempo antes, quando dava entrevista sobre a esposa estuprada e morta por uma gangue.

- Eu te conheço – disse.

- Claro que conhece... Eu sou seu milagre – disse, com um

sorriso tão largo e com dentes tão brancos que chegavam a ser indecentes.

O Cubo

Segurou a caixa com as mãos trêmulas. A respiração pesada delatava o desespero da decisão de movimentar as peças daquele cubo de metal frio e áspero. Passava os dedos sobre os desenhos, tecendo sonhos de poder trazidos pelas partes mais ansiosas de prazer da mente. Destruído, perdido, delirava com vontade pelo momento de mover as peças e esquecer a ilusão da carne. O mundo é prazer, dizia para si mesmo. O mundo é sofrimento, contava. É prazer e sofrimento misturados em um só sentido que significa satisfação.

Sorriu no meio do quarto escuro, ouvindo o pingar de da água no canto. Uma poça estava se formando devido à chuva forte lá de fora. Sorriu loucamente, lembrando-se o quanto a chuva havia ajudado a despistar seus perseguidores. Apertou o cubo contra o corpo e agora os olhos brilharam como em gargalhada macabra de um desejo atendido à custa da alma.

- Eu quero – disse para si mesmo. Tentava se convencer a criar coragem.

Conhecia o perigo. Ninguém precisava avisá-lo, pois roubara a caixa sabendo que se a usasse, encontraria desgraças pronunciadas por estudiosos e religiosos. Mas o que eles sabiam? Todo religioso adorava chamar de inferno qualquer coisa que não estivesse à mercê de sua seita. Todo estudioso chamava de mau o que não conseguia compreender. Ele não. Ele era ousado e sabia que sofrimento e prazer podiam ser satisfação. Se Deus se comprazia com o sofrimento dos mortais, porque ele não poderia se divertir com o próprio e ainda alcançar o êxtase divino.

Que os Anjos da Dor viessem. Girou a primeira peça no cubo, a primeira no quebra-cabeça. Subiu uma parte, trouxe outra para a esquerda, encaixou uma que descera na direita. Mexeu no cubo durante quinze minutos, feliz por resolver um quebra cabeça para o qual se preparara. Esteve tão feliz que mal se lembrou que ainda era perseguido. Quando a porta do pequeno quarto foi arrebentada, tudo o que pôde fazer foi se contrair na parede. O susto o fez levar as mãos contra os azulejos quebrados, cortando-se. A mente não registrou a dor, nem o sangue brotando, mas só o medo ao ver o cubo caindo.

A pequena caixa rolou pelo chão, ainda movendo, encaixando peças roboticamente até parar diante dos perseguidores. Os homens armados olharam para o objeto, depois para sua presa. Eram três figuras encapuzadas e uma a uma elas voltaram pela porta arrebentada.

Ele chorou. Não foi de alívio porque seus perseguidores o pouparam. Os olhos nublados viam uma versão torpe do cubo enquanto a boca balbuciava pedidos em nome de uma fé que perdera desde criança. Quando as sombras se moveram e ele sentiu as primeiras correntes enfiando-se debaixo de sua pele, gritou com a consciência plena dos condenados, daqueles que sabem o destino que os espera. Havia uma parte masoquista dentro dele que gostou ao ser flagelado, vendo serpentes férreas percorrendo o caminho entre epiderme e músculos, arrancando-lhe gritos e pedidos de clemências.

- Não está satisfeito? – perguntou uma voz na escuridão.

Era para estar. Parte dele estava, aquele ponto autodestrutivo que apreciou quando cravou os dedos no chão e puxou com força, desgrudando as unhas da carne. Bateu a testa com força no chão

desesperado com a dor. Ainda implorava, mas o Anjo da Dor e do Prazer cumpria sua missão. Adentrara sua alma sem controle e encontrara nela um impulso forte. Era a ânsia de satisfação autodestrutiva que mal sabia a diferença entre dor e prazer que elaborava a realização de seus desejos. A missão do Anjo continuava e o céu que o homem tanto queria agora se tornava o inferno que ele achava que não existia.

Noite de Caça

Ao contrário da maioria da população de Belo Horizonte, ele só se levantou quando o sol se pôs. Bastou o último raio de luz cruzar o céu e desaparecer entre os prédios para que seus olhos se abrissem. Apareceram claros no meio da escuridão de seu esconderijo, um de seus inúmeros refúgios, diga-se de passagem. Levantou-se do que parecia um caixão ou um sarcófago, abrindo a pesada tampa de aço com seus braços frios e poderosos. Jogou-a para o lado enquanto se espreguiçava, sentindo o sangue correr pelo corpo e reativar todo seu poder, trazer à tona seus sentidos especiais, sua força, além da fome.

Pôs-se de pé com um salto e olhou para seu dormitório. Não gostava do clichê do caixão, mas ainda não encontrara nada que pudesse dar-lhe mais segurança durante o dia. Com aquela urna de metal ele estava protegido, pois poucas pessoas seriam capazes de erguer sua tampa. Ainda sim, pensou na idéia que um amigo tivera, dormir dentro de um cofre, que fora feito especialmente para ser aberto por dentro e por fora, com uma senha.

- Bobagem – disse para si mesmo com sua voz sinistra, tão fria quanto temerosa. – Quero só ver o dia em que aquele mecanismo eletrônico deixá-lo trancado lá.

Seu quarto estava tão escuro quanto o interior do caixão, mas ele não teve dificuldade para chegar até o guarda-roupa e pegar o que precisava. Gostava de usar roupas negras para se misturar com a noite, mas daquela vez, preferiu uma pesada camisa azul. Depois das calças de couro, calçou as botas e julgou-se preparado para enfrentar o que viesse. De fato, na maioria das vezes ele estava.

Depois de trezentos anos de existência era difícil se impressionar, ainda mais alguém contido como aquele vampiro.

Uma das provas disso foi que não disse nada quando se sentou em sua poltrona e viu uma estranha figura encostada na parede, perto da porta. Tinha uma forma translúcida, pele pálida como a dele, só que sem a beleza característica dos imortais. Além disso, seu pescoço estava dilacerado. A grande ferida começava debaixo da orelha e acabava perto do queixo, estando enegrecida, como que cheia de sangue coagulado. Aquilo não parecia o incomodar. Tanto que caminhou sem problemas até o vampiro da poltrona.

Não se poderia dizer que aquela caminhada era normal. O homem tinha movimentos dotados de uma lentidão assustadora, ainda que a velocidade não condissesse com seu andar moroso. Parecia estar andando através de gelatina, mas, contraditoriamente, era tão veloz como se corresse. Além disso, era preciso salientar a educação que havia nos movimentos. Essa era uma exigência de seu mestre, justamente o vampiro sentado na poltrona.

- Como foi seu sono, senhor? – perguntou ele, colocando-se ao lado do vampiro como se esperasse uma ordem.

O mestre não respondeu, apenas esticou o braço e pegou um livro no criado-mudo ao lado da poltrona. Folheou-o um pouco até encontrar a página certa e começou a ler. Na capa negra não havia nenhum título, apenas algumas marcas de garras, vindas, por sinal, daquele vampiro e de seus antigos donos. Seria bom dizer que os antigos donos não existiam mais, tendo falecido, encontrado a morte final, quando se recusaram a entregar aquele precioso conhecimento. Era o que acontecia quando se recusava a negociar com aquele vampiro.

- Senhor Lastwish, devo lembrá-lo de que pretendia começar a procurar componentes para o ritual ainda esta noite – comentou o servo.

Aquele nome chamaria a atenção na cidade, mas mostrava um pouco da origem do vampiro. James Lastwish era inglês, nascido e transformado na Inglaterra há séculos. Adotara o Brasil para viver, tanto por gostar do lugar, quanto por praticidade. Estava longe de seus inimigos, ao menos de alguns deles, aqueles que conheciam mais de seu passado.

Também havia o fato de ser bem poderoso ali. Podia não ser o mais velho dos vampiros da cidade, ainda havia alguns como Marcus Alexandre, Julieta e Fernandez, mas ele se sentia seguro estando entre os temidos. Era deixado em paz para continuar suas pesquisas necromânticas, continuar com seus rituais de invocação e controle dos mortos.

- Senhor... – começou de novo seu servo, a prova de seu poder. Aquela criatura era um fantasma que o servia fielmente há muitas décadas. Por sinal, ele fora o último dono do livro que agora estava nas mãos do vampiro.

- Eu sei, Ismael. O que acha que estou lendo? Preciso apenas revisar algumas partes do ritual para ter certeza do que preciso – disse ele, podendo até parecer impaciente, mas nem seus gestos ou sua voz demonstravam alterações. Continuavam com o mesmo tom frio.

- Senhor, pelo que sei falta-lhe apenas o sangue de lobisomem.

Como o senhor pretenderia encontrá-lo? – perguntou o fantasma, tentando não ser petulante. – Eu poderia aconselhá-lo a procurar por Andersom.

- Não preciso dele. Além do mais, você sabe que ele acabaria com tudo. Já sei como encontrar essa criatura – concluiu ele, levantando-se e aproximando-se de uma estante.

Seus olhos podiam ver os crânios, ossos e outros objetos bizarros depositados ali. Suas mãos foram direto para um pote cheio de formol. O que havia dentro dele? Orelhas cortadas de seus inimigos. Mais uma evidência de que aquele vampiro levava a sério a fama de caçador implacável da noite. Ele era um predador acima de tudo.

Retirou uma das orelhas e dirigiu-se para o meio do quarto. Agora seria possível notar-se um círculo de tinta branca com um triângulo no meio. Ia usá-lo, mas passou por ele, chegando perto de um armário, de onde retirou algumas velas para começar seu ritual.

Enquanto isso o fantasma o observava, tentando entender o que aconteceria. Não entendia muito de feitiços necromânticos. Os livros que tivera em vida estavam em suas mãos apenas para serem guardados, protegidos contra o mal. Infelizmente falhara em sua missão e acabara como escravo daquela criatura. Não via nada de bom no que aquele ser fazia, mas aquelas magias o impeliam a servi-lo. Incapaz de desobedecer, ele apenas esperava o dia de sua libertação. Acreditava que cedo ou tarde ela viria e aquele monstro seria punido por suas maldades.

O vampiro pegou algumas velas negras e colocou nas pontas

do triângulo. Começou a realizar outros preparativos, como os cânticos, além de outros componentes materiais. Aquele ritual lhe permitiria ouvir os mortos, além de fazer uma pergunta especial. Teria a resposta específica para o que queria e poderia encontrar sua presa.

Ismael temeu pela alma do pobre coitado que seria caçado pelo vampiro. Rezou para que a criatura fosse maligna, para que, ao menos, um outro ser terrível tombasse nas garras de James.

Lucas estava agitado, andando aborrecido pela Savassi. Já era quase meia noite e estava um pouco mais quente do que o normal, além de mais barulhento do que ele estava acostumado. O barulho de cada carro que passava o incomodava. Para dizer a verdade, qualquer som estava o incomodando, desde os latidos dos viralatas até os miados dos gatos. Era capaz de ouvir as pessoas conversando nos prédios e sentir o cheio de suas comidas, quando seu nariz não estava ocupado com o fedor da rua.

Normalmente ele não andaria sozinho pelas ruas de Belo Horizonte. Sua mãe sempre lhe dissera que não era seguro, que deveria tomar muito cuidado com os perigos da noite. Mas ele estava farto de tudo, não estava disposto a dar atenção nem à sua própria segurança naquele dia, não depois de ter reencontrado o pai após tantos anos separados. Por que ele voltara? Por quê?

Chutou uma lata de refrigerante, jogando-a do outro lado da rua, enquanto segurava-se para não começar a xingar o mundo inteiro mais uma vez. Xingar tudo e todos poderia ser normal para muitos adolescentes, mas não para ele. Lucas sempre fora

comportado, contido, muito bem educado. Gostava de ir à igreja, algo que a mãe sempre lhe ensinara desde pequeno. Não era à toa que tinha uma corrente de ouro com um crucifixo.

Começara aquela noite xingando Deus, culpando-o por sua desgraça, por sua maldição, mas depois viu que Ele não era culpado de nada. Por que culpá-lo por algo que os homens faziam, por brigas entre as pessoas? Não, aquilo era culpa exclusivamente de seu pai, daquele homem amaldiçoado, tão amaldiçoado que passara seu mal adiante.

Incapaz de se controlar, soltou um grito agoniado que saiu quase como um uivo. Assim que liberou a raiva, levou a mão à boca e olhou em volta, assustado consigo mesmo e preocupado, pois alguém poderia tê-lo visto. Luzes se ascendendo nos apartamentos mostravam que não foram poucos os que o ouviram. Assim ele se escondeu entre as sombras dos prédios e continuou andando. Pensou em ligar para a namorada, mas decidiu que não iria fazê-lo, não depois do que acontecera na escola.

Era sexta-feira e ele estava louco para que a última aula acabasse. Poderia sair e ir para o shopping comer alguma coisa e assistir o filme. A mãe havia o liberado e Daniela o acompanharia. Na carteira ao lado, ela sorria toda vez que eles se olhavam e trocavam recados. Pensavam em sair bem tarde de lá, pois o pai dela os buscaria. E ele gostava do sogro, pra dizer a verdade, adorava a família dela. Talvez porque quisesse que a dele fosse assim.

Mas tudo tinha que dar errado. Tudo. Começou a sentir algo diferente assim que pegou sua mochila e preparou-se para sair. Alguma coisa o irritava, como se tentasse sair de dentro dele. Lucas fez de tudo para se conter, mas a fúria ficava cada vez mais

próxima. A conversa animada dos colegas irritava seus ouvidos, assim como os perfumes da garotas importunavam seu nariz.

Até aí estava tudo bem, tudo muito bem até chegarem ao pátio da escola. Foi quando um ex-namorado de Daniela resolveu abordá-la, rindo para Lucas como se estivesse caçoando dele. Talvez não fosse bem assim, mas ele se sentiu mal e com raiva, com muita raiva. De repente, já estava discutindo com ele e saltou sobre o idiota com uma força que desconhecia até o momento. Socou-o e parou só quando as mãos estavam sujas de sangue e ouvia os gritos de Daniela, além de sentir o cheiro de seu medo. Nem chegou a olhar para ela, saindo correndo da escola, procurando pelo portão como se fosse sua saída para o céu.

Quando estava para sair, foi agarrado pelo braço. Pensou que fosse alguém da escola, mas não era. As mãos fortes o arrastaram pelo passeio e o jogaram dentro de um carro. Só então ele viu quem era. Era seu pai, aquele homem de rosto severo, sobrancelhas que se uniam sobre o nariz e olhar de fera, de gente perigosa.

- Hoje é seu dia – disse ele, como se congratulasse Lucas por algum motivo. O garoto sentiu logo que não deveria se sentir alegre por aquelas congratulações.

O pai o levou dali para um barracão na periferia da cidade. Era um lugar escuro onde Lucas ficou até que a noite chegasse com a lua cheia. Ficou lá cheio de fome e com aquele calor dentro de seu peito, a fúria pedindo para sair. Só se conteve rezando, pedindo para que nada de mal acontecesse. Durante todas aquelas horas, o pai ficou sentando o olhando. Nenhum dos dois disse nada. Só quando a lua surgiu, eles sentiram isso sem ver, o homem abriu a boca.

- Parabéns, é hora de sentir minha maldição. E eu que nem esperava isso. Não imaginava que pudesse me orgulhar de você. Pensei que fosse patético como sua mãe – zombou ele, fazendo Lucas se lembrar da cara de medo da mãe sempre que o nome dele era pronunciado. Bastava ouvir o nome Paulo para que ficasse assustada.

- O que você quer comigo? – perguntou Lucas, encolhendo-se em um canto, mas o desafiando com um olhar furioso.

- Contar o que você é – riu ele, começando a bater palmas. – Lucas, meu filho, você tem meu sangue e herdou de mim minha maldição.

- O quê? – ele perguntou incrédulo.

- Olhe para suas mãos, está começando... – falou, apontando para ele.

A princípio, Lucas recusou-se a olhar, mas depois sentiu que algo estava acontecendo. Levantou as mãos, colocando-as na frente dos olhos. Notou-as cheias de pêlos, as unhas crescendo como se fossem garras. Então, como se aquela ação houvesse catalisado a metamorfose, todo seu corpo começou a mudar. Os pêlos cresceram por toda parte. Tudo doía, com um tremor que dos músculos ia para os ossos, fazendo-o rolar pelo chão.

O rosto começou a se deformar com um focinho crescendo cheio de pêlos negros. As orelhas tomaram a forma diferente como a de um lobo. E ele foi crescendo, crescendo, crescendo até quase tocar o teto do barracão quando pôde se levantar. Então olhou para si mesmo mais uma vez, naquela forma de homem-lobo, algo que

imaginava existir apenas no cinema. Achou que ficaria louco, mas sua mente aceitou tudo aquilo. Aceitou ainda mais facilmente quando olhou para o outro lado e viu o pai com a mesma forma, só que maior, mais poderosa, mais feroz.

Lucas ficou tentado a correr na direção do pai e enfiar-lhe as garras, mas o olhar daquele outro lobisomem o impediu de seguir em frente. Ele era mais forte, muito mais forte. Não haveria como vencê-lo. A fúria tentava sair de dentro dele mais uma vez, só que a conteve. Pensou em si mesmo, na mãe e em Daniela, rezou e concentrou-se tanto que, quando viu, era ele mesmo mais uma vez. O mesmo garoto de quinze anos. E estava nu no meio do barracão, as roupas rasgadas em volta dele.

O pai também voltara à forma original e aproximou-se com um sorriso no rosto.

- Parabéns. Para você é ainda mais fácil, pois nasceu com a maldição. Eu, que fui amaldiçoado, tive dificuldade em controlar e precisei contratar um feiticeiro para dar um jeito nisso. Muito bom. Acho que em breve vai poder se juntar a nós, conviver com outros que também têm a maldição do lobo.

Lucas encostou-se na parede frágil do barracão, temendo a proximidade do pai.

- Quero ir embora. Me deixa em paz... – disse ele, quase sussurrando.

- Você ainda tem que se acostumar com a idéia. Aconteceu com os filhos dos outros também. Todos com a mesma maldição, alguns nem aceitaram e nós tivemos que usá-los como comida. Vai e pensa

se quer morrer ou viver conosco. – Terminando de falar, ele andou até um canto e pegou umas roupas, jogando-as para o filho. Já tinha tudo preparado, já sabia quando seria a transformação dele.

Lucas vestiu-se depressa e saiu correndo daquele lugar maldito. O pai jogou-lhe a mochila quando ele já estava fora do barracão. O garoto pegou-a e tomou o primeiro ônibus para longe, indo parar no centro da cidade e depois tomando rumo de casa.

Agora perambulava pela Savassi com medo de encontrar a mãe. O que ela diria? Será que ela sabia da maldição do pai e o temia tanto por isso? Será que rejeitaria o próprio filho? Achava que não, mas temia a resposta. Fizera questão colocar o celular no modo silencioso, pois sabia que ela o procuraria. Lembrando-se do aparelho, pegou-o na mochila enquanto se sentava no meio-fio.

Havia dez ligações não atendidas. Nove delas eram de sua mãe, tanto do celular dela quanto de casa. Uma era de Daniela e aquilo o deixou um pouco feliz. Mas o que será que ela queria? Será que ligara para terminar o namoro? Rezou para que isso não acontecesse e retirou o celular do modo silencioso. Não ousou ligar para ninguém, mas atenderia se qualquer um telefonasse.

Levantou-se para continuar sua caminhada e seus sentidos captaram algo. Havia um cheiro diferente na noite, algo que o assustava e o excitava ao mesmo tempo. Seus instintos o avisavam de alguma coisa. Demorou um pouco para saber o que era, mas depois a resposta veio do fundo de sua mente, daquela parte esquecida, empurrada para longe pela razão. Algo primordial avisou o que era. Era a caçada. Uma caçada estava para se iniciar.

Imediatamente, seu lábio se ergueu, mostrando os dentes

enquanto os olhos se comprimiam, como um cão rugindo para o inimigo. Mas antes que o instinto de morder e eriçar os pêlos aparecesse, algo saltou das sombras e socou seu estômago com tanta força que ele se dobrou e rolou pela rua. Lucas não soube como, mas conseguiu se manter acordado e ainda se levantou.

Parado à sua frente estava um homem de uns trinta anos ou quase isso. Seus cabelos negros e longos escorriam soltos sobre os ombros. Os olhos eram azuis, mas por um momento, Lucas jurou ver um brilho vermelho neles. A face era muito pálida e o garoto temeu, pois, de algum modo, passou a crer em vampiros naquele instante. Confirmou suas certezas quando o homem abriu a boca e mostrou os dentes afiados.

- É ele mesmo. Eu disse que estava certo – falou ele, retirando uma enorme mochila das costas. – Esperava. Só não imaginava que fosse ser tão jovem. – Mexeu na mochila até retirar uma arma. Era uma maldita escopeta! Lucas sentiu um frio na espinha e teve certeza de que havia balas de prata ali dentro. Só faltava isso naquela noite que mais parecia um filme de terror barato. – Também acho. Deve ser maldição herdada mesmo. Preferiria o amaldiçoado, mas me satisfaço com esse.

O homem estava falando sozinho? Será que todos os vampiros eram loucos? Ou estava falando com ele? Não, sua voz indicava que a criatura pensava que havia alguém ali do seu lado, alguém com quem conversava. Era muito bizarro para ele.

- Por acaso veio por causa do meu pai? – perguntou ele, quase rosnando.

- Ele disse pai? – perguntou o vampiro, mas Lucas sabia que a

pergunta não era para ele. – Não, não vou.

- Você é louco? – perguntou Lucas, gritando.

O vampiro já apontava a escopeta, preparando-se para atirar, quando Deus pareceu interceder pelo garoto. Um grupo de pessoas surgiu do outro lado da rua, um bando de gente passando e indo para a farra. O vampiro continuou parado, apontando a escopeta. Parecia uma estátua. As pessoas passaram por ele, sem notá-lo, desviando-se sem nem saber o motivo.

"Eu é que não fico aqui!", pensou Lucas, dando meia volta e começando a correr, mas tomando cuidado para sempre deixar as pessoas entre ele e o vampiro. Mas ele sabia que haveria perseguição. Aquela era noite de caça e o maldito imortal não o permitiria sobreviver. "Droga, por que comigo?", pensou enquanto continuava correndo.

Seus sentidos ampliados tentavam ajudá-lo, mas acabavam atrapalhando. Olhava de um lado para o outro em busca de um refúgio, mas não era capaz de encontrar. Seus instintos o avisavam de que nada deteria a caçada do vampiro. Por falar nos instintos, eles provocavam uma série de emoções que confundiam ainda mais a cabeça de Lucas. Havia a fúria que o fazia odiar-se por estar fugindo e o desafiava a virar-se e dar uma surra naquele maldito vampiro. Agora ele tinha força para isso.

Mas também crescia um medo dentro dele, um temor por sua alma e por sua vida. Temia perder o controle e tornar-se como o pai. Também havia a possibilidade de o vampiro trucidá-lo em um piscar de olhos. Havia algo naquele morto-vivo que indicava seu poder. Seus confusos instintos o contavam isso, assim como

indicaram o que ele era.

Assim ele fugiu, correndo por pedra e asfalto, passando por ruas e prédios, sabendo que só estaria salvo se o sol nascesse. Tentava confiar nos sentidos, deixava-os indicar o caminho. Não sabia o porquê, mas sentia que era fácil para ele controlar essa parte de seu poder, ainda que temesse o restante.

Parou já cansado debaixo de um poste, vendo outras pessoas caminhando pela rua e os carros parados em frente ao semáforo. Havia muita gente ali, o que o fez pensar que estaria seguro. Ledo engano.

- Por que ele acha que pode fugir assim? Eu não me divirto nem um pouco nessas caçadas. Isso é mais coisa do Andersom – ouviu alguém dizer à sua direita. Fechou os olhos e fez uma prece antes de olhar para o lado. Mas apenas tentou virar a cabeça. Parou assim que sentiu o cano frio da escopeta contra a bochecha.

- Por que me caça? O que eu te fiz? – perguntou ele. Será que havia alguma desavença natural entre lobisomens e vampiros? Suspeitava de que havia lido algo parecido em algum lugar.

- Ele está pensando isso? – perguntou o vampiro, ainda falando com alguém invisível. – Não é nada pessoal ou questão de raça, garoto. Simplesmente preciso de seu sangue.

Lucas ficou ainda mais assustado. Olhou para os lados procurando por ajuda, mas ninguém parecia notar o vampiro. Às vezes o olhavam como se estivessem diante de um louco. Ele não teve coragem de gritar.

- Não serve se eu doá-lo ao invés de você me matar? – perguntou com dificuldade para deixar a voz sair da garganta. Estava quase chorando.

- Não, infelizmente preciso levar o sangue na sua pele. Faz parte do ritual. A magia é assim, cheia de caprichos – disse o vampiro, dando uma pausa antes de continuar, mas aí já não estava falando com Lucas. – Sim, estou muito falante hoje.

Aquela voz fria era o que mais assustava o garoto. Como uma criatura poderia ser tão fria assim? Nem mesmo seu pai, encarnação da maldade, era daquele jeito. E bastou pensar nele para que aparecesse. De repente, Paulo surgiu em frente a eles, franzindo os cenhos e mostrando os dentes.

- Solte meu filho!

James ficou de pé no meio do círculo ritual até finalmente ouvir as vozes dos espíritos. Eles contavam-lhe tudo o que sabiam sobre os lobisomens. Não era muito, mas o suficiente para que ele pudesse começar a caçada. Um aviso em especial o deixou contente, ainda que não tenha feito abrir um sorriso. Um fantasma avisou de um lobisomem andando pela cidade, uma criatura jovem.

Estava feito. Encontrara o que precisava e partiria em busca daquilo. Ajeitou os cabelos enquanto pegava a grande mochila preta, colocando nela tudo o que julgava necessário para a caçada. Primeiro a escopeta, que não podia faltar, depois as pistolas, algumas balas de prata, uma faca e, por fim, tentou pôr sua espada. Não gostava de andar sem sua lâmina, mas ela não cabia naquela

sacola. Pensou em pô-la em uma capa de violão, mas desistiu da idéia. Pegaria a espada curta, que também seria útil.

Assim ele saiu de casa acompanhado por Ismael. Montou em sua moto e ajeitou a bolsa de lado, tomando cuidado para não deixar nada cair. Os olhos atentos varreram a rua em busca de inimigos. Seus ouvidos fizeram o mesmo, assim como seus sentidos especiais. Também não ouviu nada por parte dos fantasmas. Era hora de ir.

Deu uma partida rápida, correndo pela cidade como um demônio, aproveitando toda a potência da moto. Com mais de mil cilindradas, não demorou a chegar onde queria. Usando seus sentidos e destreza ampliada, não teve dificuldade nenhuma para dirigir de um jeito que nenhum mortal em sã consciência faria. Quando desceu da moto, Ismael já estava a seu lado novamente, tendo seus próprios meios de se movimentar.

A mochila seria pesada para muitos, mas não para James que desenvolvera muito sua força ao longo dos anos. Ela não foi nenhum incômodo enquanto o vampiro saltava de um lugar para o outro, às vezes subindo pelos prédios como uma aranha, seus dedos tocando o concreto e fixando-se ali, permitindo-o arrastar-se na vertical.

A caçada foi mais rápida do que imaginou. O lobisomem não tentava se esconder, nem parecia preocupado com qualquer perseguição e ele só soube o motivo quando o viu. James desceu de um prédio, caindo entre as sombras e vendo o garoto sentado no meio-fio. Ficou observando um tempo, vendo o olhar triste e atormentado. Aquilo o paralisou, como se o afetasse de algum modo.

- Algum problema, senhor? – perguntou Ismael, observando o garoto e pensando na hesitação de seu mestre.

James não respondeu. Uma de suas mãos já se preparava para abrir o zíper da mochila, mas ele acabou se contendo. Ismael não pôde compreender o motivo disso, mas percebeu que o vampiro estava um pouco estranho.

- Acha que ele não é o lobisomem? Talvez não seja – disse Ismael, torcendo para que o garoto não se tornasse uma vítima.

- Quero ver se ele é mesmo um lobisomem – explicou. Tinha a mesma voz fria, mas Ismael não acreditou em suas palavras por algum motivo que não pôde entender.

Antes que o fantasma percebesse, o vampiro saltou das sombras, avançando sobre o garoto e acertando-lhe um soco que o fez rolar pelo passeio. Aquela não fora toda a força do vampiro, mas seria o suficiente para derrubar qualquer humano, talvez até matar. No entanto, o garoto se levantou mais uma vez. Definitivamente, ele era o lobisomem.

- É ele mesmo. Eu disse que estava certo – disse James, sacando sua escopeta.

- Os espíritos não avisaram que havia um lobisomem aqui? Achei que seria difícil eles mentirem depois do ritual que o senhor usou. Esperava uma criatura mais violenta ou perigosa? – perguntou Ismael, olhando para o garoto e ficando com pena.

- Esperava. Só não imaginava que fosse ser tão jovem. – Sua arma já apontava para o jovem lobisomem, mas ainda não ousava

atirar. O dedo não estava no gatilho.

- Suponho que o garoto seja filho de um lobisomem. O pobre coitado nem sabe o que é direito.

- Também acho. Deve ser maldição herdada mesmo. Preferiria o amaldiçoado, mas me satisfaço com esse. – Seus olhos miravam o alvo, mas seus pensamentos pareciam bem distantes.

O garoto disse alguma coisa, mas ele não entendeu direito. O que seria?

- Ele disse pai? – perguntou o vampiro.

- Sim, parece temer o pai ou temer que você tenha sido enviado por ele. Não acha melhor esperar? Talvez o amaldiçoado apareça – sugeriu Ismael, tentando poupar a vida do rapaz e dar um pouco de sentido às ações de James.

- Não, não vou – negou o vampiro, preparando-se para atirar. Parecia ter resolvido algum dilema interno.

Seu dedo não chegou a apertar o gatilho. Ouviu um bando de pessoas aproximando-se, antes que elas cruzassem a esquina. James sentiu o cheiro, ouviu as vozes, podia até perceber o sangue em suas veias, as batidas de seus corações chamando por ele, pedindo para que se alimentasse. Mas não era hora daquilo. Tinha uma missão a cumprir. Infelizmente, se atirasse ali, não teria tempo para pegar o que precisava.

O garoto fugiu e ele não se importou nem um pouco. Era só

uma questão de tempo até pegá-lo. Sendo mais veloz do que o lobisomem, alcançá-lo foi uma questão de tempo. Também, ele era o predador mor. Ele era o vampiro, que fora criado para se alimentar de sangue, para estar no topo da cadeia alimentar. Os lobisomens eram só uma caça um pouco mais difícil, segundo o que pensava.

Teria sentido pena dele, se ainda fosse capaz disso. Mas a mente de James era prática demais para sentir pena. Por isso, o que sentiu quando o viu encostado no poste e o surpreendeu, foi só um pouco de uma prazer perverso ao ver seus olhos cheios de raiva e medo.

- Por que ele acha que pode fugir assim? Eu não me divirto nem um pouco nessas caçadas. Isso é mais coisa do Andersom – falou para Ismael, achando a fuga do garoto uma besteira.

- É a esperança. E você não pode negar isso a um homem. Para dizer a verdade, nem a um garoto como ele, que praticamente vive desse sentimento. – James já ia mandar Ismael calar a boca, mas ele continuou. – O garoto pensa que existe uma disputa especial entre lobisomens e vampiros.

James ficou um pouco impressionado. Por que alguém pensaria uma coisa dessas? Para alguns vampiros, os lobisomens eram até aliados bastante úteis. Pensou em explicar tudo para o garoto, mas não era de falar muito, por isso fez só um comentário. E ainda foi obrigado a ouvir mais algumas palavras de Ismael.

- O senhor está muito eloqüente hoje. Essa explicação satisfará a mente assustada dele – ironizou o fantasma.

- Sim, estou muito falante hoje – respondeu ele, para depois se

calar. Havia sentido algo. Mais alguém estava ali.

Olhou para o lado para enxergar um homem estranho o observando. Tinha um cheiro semelhante ao do garoto e olhos cheios de fúria. Era o pai, com certeza. Suas palavras confirmaram isso depois de James já começar a fazer planos para acabar com a criatura.

Sem se importar com nada, o lobisomem mais velho saltou sobre ele. James logo viu que ele não estava pensando muito, pois nem imaginou que o vampiro poderia ter explodido a cabeça de seu filho antes de sua aproximação. Lastwish evitou o ataque saltando para trás, já mirando a escopeta e preparando-se para atirar. Não o fez por um simples motivo. Queria evitar chamar a atenção. Ainda mais no território em que estavam. Aquela área pertencia a Marcus e aquele vampiro não gostava de bagunça em sua casa.

Quando olhou de volta, os dois lobisomens já estavam correndo. James observou-os se distanciarem sem se importar nem um pouco. Guardou a escopeta na mochila e estalou os dedos, depois o pescoço. Era hora de começar a caçar de verdade, além de lutar.

Talvez aquela tenha sido a primeira vez na vida em que Lucas tenha ficado aliviado por ver o pai. Não era pra menos, ele acabara de salvar sua vida. Agora o garoto esperava continuar vivo. Imaginava o que aconteceria dali em diante. Com certeza o vampiro continuaria a caçada.

- Vai chamar seus amigos para acabarem coma aquele vampiro? – perguntou enquanto corriam.

- Então era mesmo um vampiro? – perguntou Paulo, surpreso.

- O senhor não sabia? Não senti o cheiro? – Lucas ficou um pouco perturbado.

- Senti só depois. Você está me deixando impressionado, filho. Será ótimo para o nosso grupo.

Os dois continuaram correndo por um bom tempo, passando por becos escuros e ruas que Lucas nem sonhava em conhecer. Ele nem tinha idéia de para onde o pai estava o levando, mas achou melhor o acompanhar, ao menos até o amanhecer, quando se livraria dele e poderia continuar sua vida.

Sentiu o cheiro do vampiro mais uma vez. Ele estava perto, apesar de terem corrido tanto. Paulo estendeu um braço e o fez parar, fangando e procurando pelo cheiro do inimigo.

- Ele está aqui – concluiu ele.

"Disso eu sei, droga! Quero saber é como fugir dele!", pensou Lucas, irritado com o pai que, de repente, não parecia meter tanto medo assim. Não quando havia um vampiro logo atrás deles.

- Para as sombras. Eu sei um modo de evitá-lo – disse ele, retirando da roupa uma pequena esfera. Apertou-a com força enquanto segurava o filho, encostando-se à parede. Não houve um pingo de carinho naquele aperto.

Os dois ficaram parados e Lucas até evitava respirar, principalmente quando viu o vampiro cair na frente deles, olhando de um lado para o outro, estranhando ter perdido a pista de suas presas.

O medo deixava as perdas de Lucas bamba, mas não era só isso que o incomodava. Podia sentir o bafo do pai na sua nuca e aquilo não era nada bom, nada confortável, deixando-o ainda mais nervoso. Apenas o lembrava de que estava entre duas feras, duas criaturas perigosas que acabariam com sua vida. Então rezou um pouco e lembrou-se de sua mãe. Será que ela estaria preocupada?

Aparentemente estava, pois assim que pensou nela, seu celular tocou. O barulho fez seus olhos arregalarem e os do seu pai devem ter feito o mesmo. No instante seguinte, o vampiro já havia se virado, dando um enorme salto e sacando duas pistolas ainda no ar. Paulo empurrou Lucas e transformou-se quase que instantaneamente. Ele tentou pular na direção do vampiro, mas foi atingido várias vezes por balas de prata, sendo perfurado no peito e nos ombros. Mas não caiu. Cambaleou, mas não caiu.

O vampiro caiu de novo e começou a atirar mais uma vez, só que agora o lobisomem estava preparado. Começou uma corrida furiosa sem se importar com os tiros, como se tivesse uma proteção especial. O vampiro percebeu que suas balas não eram suficientes e tratou de jogar fora as pistolas. Aproveitando a mochila aberta, retirou uma espada curta que brilhou na fraca luz do ambiente. Mas Paulo já estava sobre ele, saltando com suas garras.

Os dois rolaram pela rua, as garras do lobisomem furando a

barriga do vampiro, enquanto o morto-vivo enfiava sua espada no ombro do inimigo e afastava a bocarra do licantropo com o braço livre. Eles rolaram até o vampiro conseguir parar por cima e finalmente cravar os dedos no pescoço da fera, enforcando-a enquanto retirava sua espada para enfiá-la mais uma vez no corpo do inimigo.

Aquela posição durou pouco tempo. Paulo conseguiu arremessar o imortal, fazendo-o bater na parede, enquanto levantava-se rugindo, tentando se impor e mostrar que sairia vitorioso. Mas o vampiro já estava de pé; nem bem tocara a parede. Ele passou a mão pelo abdome ferido e levou-a a boca, experimentando o próprio sangue. Um sorriso quase cruzou seu rosto, mas mesmo naquela batalha frenética ele não demonstrava emoções. Então correu na direção do lobisomem, que retribuiu a corrida.

Os dois se engalfinharam mais uma vez, só que agora o vampiro fora mais esperto. Aproveitando-se do tamanho do inimigo, ele abaixou-se um pouco, escapando das garras e levantando-se para enfiar a espada na barriga de Paulo, soltando a lâmina depois de vê-la passar pelos pêlos e cravar-se nas entranhas do inimigo. Com as duas mãos livres, ele socou até afastar um pouco o licantropo. Uma sucessão de golpes de artes marciais jogou o lobisomem do outro lado da rua.

Paulo levantou-se tonto, com sangue escorrendo da boca e da barriga. Lucas observou tudo horrorizado, sabendo que seria o próximo. Aquele vampiro era forte demais, seus socos ainda mais poderosos do que os de uma criatura como Paulo. Para provar isso, o sanguessuga aproximou-se lentamente. Foi atacado, mas segurou com facilidade o braço do lobisomem. Então levou sua mão ao rosto do inimigo e fechou os dedos em volta o focinho. Paulo o encarava

com um brilho fraco e derrotado nos olhos. Sem se comover, o vampiro o segurou bem firme e torceu o focinho, quebrando o pescoço do oponente no processo. A luta acabou.

O lobisomem caiu no chão e começou a voltar à sua forma original, diminuindo até ser de novo aquele ser humano que tanto metia medo em Lucas e em sua mãe. No entanto, agora não era mais nada. O temor no coração do garoto desapareceu, mesmo que o vampiro estivesse ali.

Lucas ficou o observando, vendo-o arrancar a pele de seu pai e fazer uma espécie de bolsa, onde foi colocando o sangue quente que ainda escorria do corpo. "Em breve será minha vez", pensou, "Vou morrer lutando". Começou a se transformar, assumindo sua forma de combate, com a qual não estava nem um pouco acostumado. Para dizer a verdade, não estava acostumado nem a brigar. Sua mãe o orientava a nunca fazê-lo.

O vampiro já estava de pé e olhou para ele. Lucas rugiu, mas não obteve resposta. James apenas levantou uma sobrancelha curiosa para ele.

- Não preciso mais de você, garoto – disse o vampiro, com sua mentalidade prática e a voz fria.

Aquilo fez Lucas se esfriar totalmente. Toda a fúria do combate se apagou de maneira instantânea. Sua forma humana voltou em um piscar de olhos e ele ficou ali parado, de roupas rasgadas, olhando para o vampiro.

- E então? – perguntou.

O vampiro não respondeu, continuando taciturno.

- E eu? – insistiu Lucas.

James continuou calado, terminando de arrumar suas coisas.

- Por favor, preciso saber sobre mim! – Lucas não sabia o que estava querendo. Por acaso queria que o homem o matasse? Que loucura!

- Não tenho nada com você – respondeu ele, olhando-o com a mesma sobrancelha erguida.

- Tem sim! Preciso de ajuda. Como vou conviver comigo mesmo? O que Deus fará comigo?

A sobrancelha desceu e uma expressão aborrecida tomou o rosto de James.

- Por que todos se perguntam isso? Não posso te ajudar. Não sou tutor de ninguém. – Parou um pouco, como se ouvisse alguém. – Não sei, Ismael, mas pode funcionar. – Voltou-se para Lucas mais uma vez. – Vou te indicar um amigo que viveu alguns conflitos. Pelo que notei, você parece ter fé. Procure Marcus, ele o ajudará. – Pareceu ouvir mais alguma coisa. – Ismael, Andersom iria matá-lo antes que ele lhe contasse o problema. E Julius é um idiota. Ele ensinaria poesias ao garoto. E eu não quero isso para ninguém.

Lucas gostava de poesias e gravou aquele último nome, mas seguiria a primeira indicação. Encontraria o tal Marcus. Mas como? James viu a pergunta em seu rosto.

- Procure perto da serra, lá em cima. – Apontou para o bairro Mangabeiras com os olhos. – Você o encontrará lá. Boa sorte.

Assim o vampiro desapareceu na noite, deixando Lucas perdido em um mar de dúvidas, com só uma direção a seguir. Não sabia se era a direção certa, mas havia apenas um farol e seria aquele tal de Marcus. Ele esperava que aquele fosse o caminho certo. Beijando seu crucifixo, ele preparou-se para continuar seu caminho. só que o celular tocou. Era sua mãe de novo. O melhor era ir pra casa, dormir e resolver seus problemas no dia seguinte. Nada como o dia seguinte!